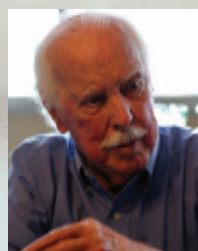


VOL.15 - Nº 30 - MAIO DE 2004

ISSN 1576-0936

ATERCEIRAIDADE

SESC SP



**Estatuto do Idoso, Constituição
e Código Civil: A Terceira Idade
nas Alternativas da Lei**

e n t r e v i s t a
Mauricio Loureiro Gama



A TERCEIRA *i*DADE

VOLUME 15 - Nº 30 - MAIO 2004

Publicação técnica editada pelo SESC
SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO

ISSN 1676-0336

SESC SP

A Terc. Id.	São Paulo	v.15	n.30	p. 1 - 92	maio 2004
-------------	-----------	------	------	-----------	-----------

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO
Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional do SESC/SP

Danilo Santos de Miranda

Superintendente Técnico-Social

Joel Naimayer Padula

Gerente de Estudos e Programas da Terceira Idade

Rui Martins de Godoy

Comissão Editorial

José Carlos Ferrigno (Coordenação)

Lília Ladislau

Maria Lucia Del Grande

Regina Sodré

Maria Aparecida Ceciliano de Souza

Valter Vicente Sales Filho

Marcos Prado Luchesi

Marcos Ribeiro de Carvalho

Maria Sílvia de Souza Mazin

Marta Lordello Gonçalves

Claudio Alarcon

Projeto Gráfico

Eron Silva

Equipe: Cristina Miras, Cristina Tobias, Euripedis Silva, Kelly Santos, Lourdes Teixeira, Marilu Donadelli, Sérgio Afonso, Roberta Alves, Daniel Silva.

Fotografias

Capa, páginas 9,10, 11, 14, 22: Lenise Pinheiro. 2a. capa, páginas 7, 8, 13, 20, 23, 36, 37, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 49, 50, 52, 55, 56, 64, 65, 66, 67, 70, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 79: Gal Oppido. Página 4: Enrique Matute. Páginas 18, 38, 47, 53, 54, 59, 60, 62, 63, 68, 73: Emidio Luisi. Páginas 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91 e 92: Nilton Silva

Artigos para publicação podem ser enviados para apreciação da comissão editorial, no seguinte endereço: Revista A Terceira Idade - Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade (GETI) - Av. Paulista, 119 – 9º andar - CEP 01311-903 – Fone: (011) 3179-3570 Fax: (011) 3179-3573 e-mail: ferrigno@paulista.sescsp.org.br

A Terceira Idade/Serviço Social do Comércio. ST-Gerência de Estudos e Programas da Terceira Idade. Ano 1 n. 1 (set. 1988)- .-São Paulo: SESC-GETI, 1988-

Quadrimestral
ISSN 1676-0336

1. Gerontologia-Periódicos 2. Idosos-Periódicos I. Serviço Social do Comércio

CDD 362.604

Esta revista está indexada em:

Edubase (Faculdade de Educação/UNICAMP)

Sumários Correntes de Periódicos Online

SIBRA (SIBRADID - Sistema Brasileiro de Documentação e Informação Desportiva - Escola de Educação Física - UFMG)

Estatuto do Idoso, Constituição e
Código Civil: A Terceira Idade
nas Alternativas da Lei

Walter Ceneviva

7



Retratos e Velhice:
Memória e Fotografia

Fabiana Bruno & Etienne Samain

24



Longevidade e Tempo Livre:
Novas Propostas de
Participação Social e
Valorização do Idoso

Doris de Moraes Cardoso

36



Lembrar, Contar, Compartilhar:
A Memória como Caminho
para o Diálogo Intergeracional

Zilda Kessel

52



A Importância do Toque
nas Atividades Físicas
para a Terceira Idade

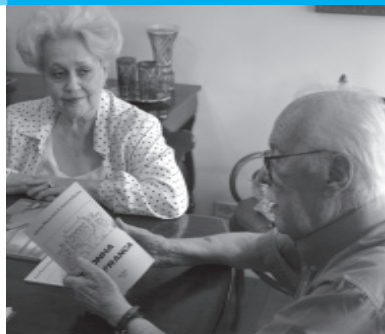
Laura Machado Da Silva

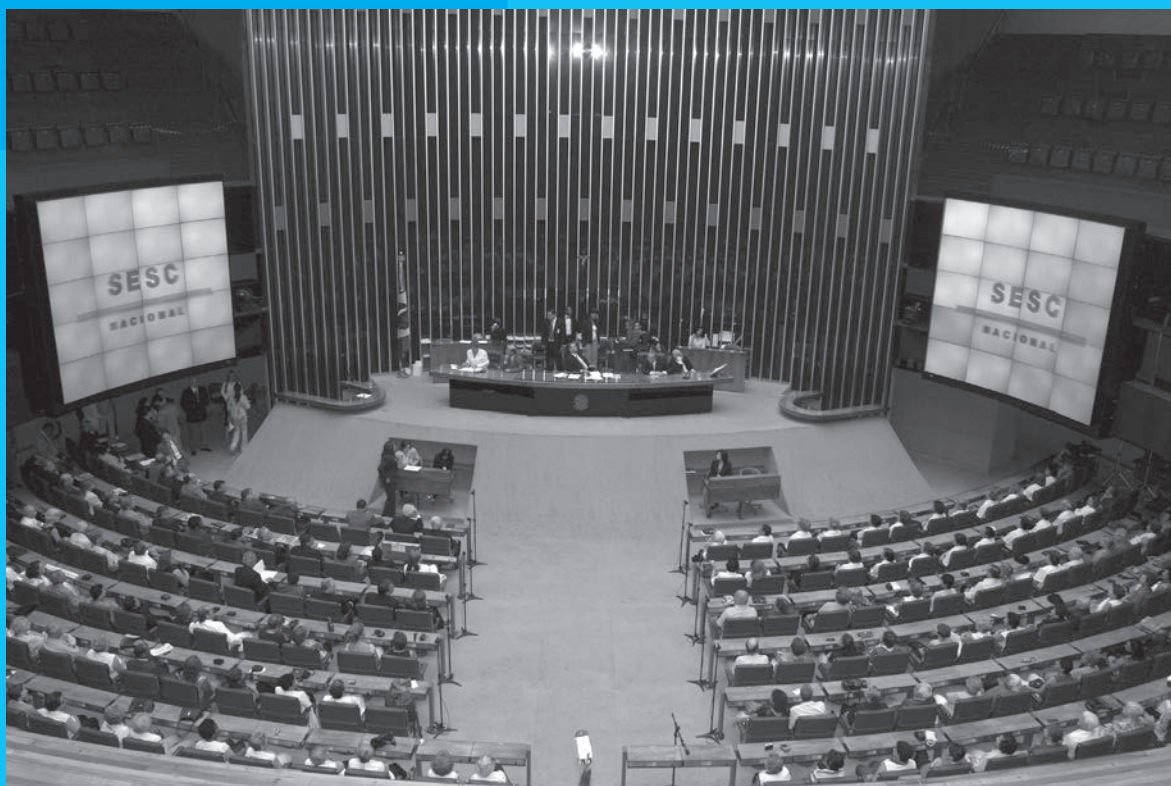
64



ENTREVISTA

Maurício Loureiro Gama





*Câmara Federal de Deputados
25 de março de 2004*

O Reconhecimento do Poder Público ao Trabalho Social com Idosos do SESC São Paulo

O dia 25 de março passado converteu-se em uma data histórica para o SESC: a Câmara Federal de Deputados, em sessão solene, homenageou nossa instituição pelo 40º aniversário do Trabalho Social com Idosos. A iniciativa coube às deputadas Mariângela Duarte e Telma de Souza, ambas do PT de São Paulo.

Em seu requerimento, as parlamentares justificaram a homenagem ao lembrar que o SESC no Estado de São Paulo atende atualmente cerca de 55 mil idosos em sua programação para a Terceira Idade - através de cursos, palestras, conferências, oficinas, seminários, encontros, simpósios nacionais e internacionais, atividades corporais, recreativas e sociais, oportunidades de exercício de cidadania através do trabalho voluntário, integração intergeracional e muitas outras atividades.

Outra razão importante, segundo as parlamentares é a cooperação do SESC com diversas entidades governamentais e da sociedade civil, através de assessorias técnicas, formação de pessoal e apoio logístico para projetos e eventos ligados à questão da Terceira Idade.

Além da manifestação de todas as lideranças dos partidos com representação na Câmara, inúmeros apartes foram solicitados, totalizando 24 pronunciamentos de parlamentares, número incomum para solenidades dessa natureza e que demonstra o interesse e a adesão de nossos representantes à causa dos velhos e aposentados deste país.

Outro importante reconhecimento do poder público: no dia 14 de maio próximo passado, por proposição do deputado Roberto Moraes do PPS a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo também promoveu uma sessão solene em homenagem ao SESC pelos 40 anos de sua ação social voltada à Terceira Idade.

Criado em 1963, portanto, em uma época em que o Brasil era considerado um país jovem, o Trabalho Social com Idosos espalhou-se pelo Brasil afora como um novo modelo de atendimento à pessoa

idoso. Tal repercussão nos faz pensar que estávamos no caminho certo e que nele permanecemos. O SESC São Paulo prosseguirá planejando e implantando novas estratégias de ação voltadas a esse setor, tendo como objetivo a dignificação do envelhecimento humano, que passa necessariamente pela oferta de condições que incrementem a qualidade de vida do idoso e sua participação na vida da comunidade.

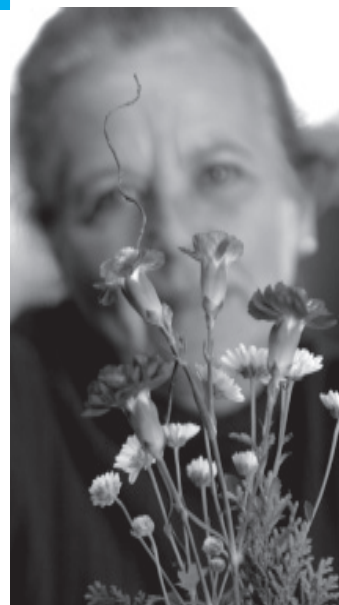
Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do SESC São Paulo

Estatuto do Idoso, Constituição e Código Civil: A Terceira Idade nas Alternativas da Lei

“A Constituição e o Estatuto do Idoso levam a uma síntese conclusiva: envelhecer é fato da natureza e do tempo. Prolongar a vida é fato da medicina, do progresso das ciências. Envelhecer com dignidade é prêmio a ser conquistado, em particular pela parcela da população pobre, quando submetida às durezas da idade provectora”.

WALTER
CENEVIVA

*Advogado em
São Paulo. Sócio Emérito
do Instituto dos Advogados
de
São Paulo. Professor
de Direito da PUC/SP.
Responsável pela coluna
“Letras Jurídicas” do
jornal Folha de São Paulo.*



Sabe-se que a referência à Terceira Idade se destina a caracterizar pessoas mais velhas. Não há, porém, elemento distintivo que permita situar precisamente o que vem a ser o idoso, na consciência média das pessoas e no direito. Será o homem, será a mulher de cinquenta anos? De sessenta anos? Setenta? A dúvida social é procedente, pois, neste mundo em transformação, a palavra velho passou a indicar evolutivamente, na segunda metade do século XX, pessoas cada vez mais entradas em anos.

Em 1950, alguém com sessenta anos de idade já havia transposto a barreira da idade média provável da maioria dos cidadãos brasileiros. O termo previsível de vida está em constante evolução. A mutabilidade do padrão acentua a dificuldade de estabelecer limite definitivo entre o simplesmente adulto e o idoso, dificuldade que também se mostra quando se passa dos fatos biológicos para os fatos jurídicos.



As Causas do Envelhecimento

Escrevendo a respeito, MIGUEL SROUGI, professor titular da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo (Folha S. Paulo, 11.02.04, p. 3) preocupou-se responder à pergunta: “Pôr que, biologicamente, envelhecemos e morremos?”, enunciando três razões para a resposta, na versão mais atualizada em termos de ciência contemporânea.

SROUGI explica que os seres humanos, desde o nascimento, trazem unidades de genoma, denominadas gerontogenes, as quais produzem a lenta ou rápida perda de vitalidade de nossos tecidos e células. Isso significa que, desde o momento mesmo do nascimento, passamos a sofrer processo de transformação e perda de capacidade. SROUGI dá-lhe o nome de “indução da senescência”, correspondente ao processo ininterrupto do ficar mais velho. Gostemos ou não gostemos, tem cabimento integral a frase de SROUGI: “nascemos, portanto, programados para morrer, o que não ocorre precocemente porque os gerontogenes permanecem bloqueados nas primeiras décadas de vida do homem”.

Talvez se possa voltar, numa ampliação extraordinária, ao conceito de Lavoisier, recolhido da física, afirmando que na natureza nada se perde, nada se cria, tudo se transforma, ou, com o acréscimo moderno, tudo se transforma, tanto em matéria quanto em energia. No caso do ser humano (e das estruturas biológicas, em geral), o nascimento é o início da deterioração para o morrer. No meio do caminho, contudo, estão os recursos crescentes da medicina, a prolongarem, cada vez mais, o termo final dessa estrada, gerando extensão quantitativa do número das pessoas que atingem a Terceira Idade.

As famílias cuja história médica é hígida, sendo naturalmente fortes, transmitem genes de boa qualidade. Quando têm bons cuidados, alimentação adequada e vida saudável, asseguram duração que se aproxima hoje dos cem anos de idade. Contudo, SROUGI lembra que também “herdamos dos nossos antepassados

genes ruins”. Estes respondem por um número enorme de doenças (cardíacas e neurológicas, diabetes, câncer, por exemplo) que, afirma o cientista, “aceleram a deterioração e nos aproximam da morte”.

As influências ambientais, fator ponderável na qualidade de vida, incidentes sobre o planeta Terra estão cada vez mais globalizadas. O entorno de cada ser humano influi diretamente sobre seus padrões de saúde. O ser humano, descuidando da política ambiental e do equilíbrio ecológico, destrói ou prejudica a possibilidade da melhor existência. SROUGI diz bem que uma das causas do envelhecer e morrer está na ação dos seres humanos, agravando as imperfeições de natureza, porquanto “vivemos num ambiente altamente hostil, inundado por agentes químicos, ondas eletromagnéticas, vírus e outros microorganismos nocivos”. Ele mesmo indica as conseqüências às quais estamos submetidos permanentemente: “nossas células sofrem processos de mutação e são injuriadas por radicais oxidantes produzidos por esses agentes, num concerto perverso que culmina com danos irreversíveis ao organismo”.

Estender o Tempo de Vida é Pouco

Nada obstante tais transformações, as ciências biológicas têm produzido remédios ou técnicas que conseguem prolongar a vida, resultando no número crescente de idosos, em todo o mundo. Entre nós, porém, as insuficiências de atendimento preventivo e curativo aos idosos foram agravadas pela transformação demográfica vinda do século XX, com a incontrolada concentração urbana, a partir dos anos 50, sem a infra-estrutura correspondente. Ao mesmo tempo, rareou a população situada no campo.

O conjunto desses elementos mudou as condições da existência individual e coletiva. Até os começos do século XX apenas pessoas de constituição sólida e boa saúde atingiam idade avançada. A seleção natural afastava os mais fracos. O progresso científico estendeu geometricamente a sobrevivência a grupos maiores de pessoas. Falta, contudo, a satisfação de um requisito essencial, no qual o período estendido seja de participação, convivência e realização do idoso, segundo suas condições pessoais. É insuficiência a ser superada nos anos de aplicação efetiva do Estatuto do Idoso.

Caracterização Gramatical do Idoso

A adequada apreciação do tema exige maior rigor na definição do que se entende por idoso. Começemos pela avaliação gramatical.

A palavra idoso vem de idade + oso (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa de MACHADO). Sempre se relaciona objetivamente com o tempo em anos, meses e dias, decorridos a contar de uma data inicial determinada ou determinável. Idoso, em relação ao ser humano, tem esse significado, a partir do



“Falta, contudo, a satisfação de um requisito essencial, no qual o período estendido seja de participação, convivência e realização do idoso, segundo suas condições pessoais. É insuficiência a ser superada nos anos de aplicação efetiva do Estatuto do Idoso.”



nascimento. O termo idoso não chegou a outros idiomas de origem latina, como é o caso do espanhol que o traduz por de edad, muy viejo (Dicionário Português–Espanhol de ORTEGA CAVERO), do italiano, onde aparece como di molta età (Dicionário Completo Português-Italiano, de SPINELLI e CASASSANTA), Editorial Ulrico Hoepli, Milão). No Dicionário Português-Italiano, de GIUSEPPE MEA aparece como anziano, vecchio, attempato. O francês está mais próximo do português, como agé, significando de idade avançada, ou velho (Dicionário Petit Robert).

Mesmo em português o vocábulo idade abarca outros significados: também compreende etapas (a idade da esperança), eras (a idade média), mas vem sempre vinculado ao tempo, presente, passado ou futuro, com pertinência apenas indireta para este ensaio, dedicado à Terceira Idade.

Velho não é provido da mesma objetividade. O idoso é sempre um velho, mas velho nem sempre designa o idoso, isto é aquele que tem muitos anos de idade, como se constata com seu uso, no qual o elemento temporal do calendário nem sempre está presente. Velho, assim, é o desgastado pelo uso (um móvel ou um sapato), o que ou aquele que vem mantendo, de há muito, a mesma qualidade (o vinho, quanto mais velho melhor), o que está desde longo tempo na mesma profissão ou posição (o velho servidor) e até em referência carinhosa a pessoa próxima (é um velho amigo). Ver outras acepções no Dicionário Jurídico de MARIA HELENA DINIZ. No novo Dicionário Compacto de Silva se colhe a mesma significação, além de dar velho como designando alguém de muita idade, genitor.

A velhice tem características psicológicas, relativos a pessoas que, embora não sendo de muita idade comportam-se como se o fossem, parecendo, por isso, ancião. A duração no mesmo cargo pode até dar a condição de decano, isto é, o mais antigo de seu escalão profissional, com certas vantagens funcionais, sem ser o mais idoso dentre os da mesma espécie e condição. Nos serviços militares se diz que antiguidade é posto. No serviço público, dois critérios clássicos de progresso na carreira são os de merecimento e de antiguidade, aquele com conotações subjetivas de avaliação e este, objetivamente contado por dias de permanência numa certa posição.

Assim se verifica que a opção redacional por idoso é correta, dada a maior clareza da indicação pretendida. Contudo, a qualidade de significado deve ser completada com a determinação objetiva da idade em que o ser humano passa a ser tido, legalmente, como idoso, de sorte a poder fruir direitos que lhe correspondam, com as garantias do que veio a ser considerada a terceira idade.

A noção jurídica do que é ser idoso desperta dúvidas. A Carta Magna evita a palavra velho, não só por parecer depreciativa, mas também pelas razões gramaticais apontadas, embora faça duas tímidas referências anotadas neste ensaio. A Constituição e as leis são responsáveis por uma parte da confusão, quando se passa da teoria à prática.



A Constituição e o Estatuto do Idoso (criado pela Lei n. 10.741/03), para regulamentar seu art. 230), levam a uma síntese conclusiva: envelhecer é fato da natureza e do tempo. Prolongar a vida é fato da medicina, do progresso das ciências. Envelhecer com dignidade é prêmio a ser conquistado, em particular pela parcela da população pobre, quando submetida às durezas da idade provec-ta. Prêmio garantido pela Carta Magna. Idosos pobres ou remediados, contudo, garantem alimentação, apoio à saúde e à vida através da previdência social e dos proventos de sua aposentadoria. Contrastam com benefícios altíssimos pagos a uns poucos que, é freqüente, não carecem deles. Ou seja: apesar de algumas vantagens, parece razoável admitir que noventa por cento dos idosos mereceriam mais atenção da que lhes vem do Poder Público.

A repercussão jurídica do conjunto dos efeitos desse fenômeno social foi lentamente ajustando-se às transformações ocorridas, até encontrar, na Consti-tuição de 1988 o campo apropriado e original da catalogação específica do idoso como um subsistema individuado no universo do direito. O constituinte teve de resolver o problema inicial (o que é ou quem é idoso), que terminou por situar, quanto ao essencial, no art. 230. Em outros dispositivos também se encontram referências indiretas aos mais velhos, em particular como fonte da inabilitação legal para as relações de trabalho privado ou público.

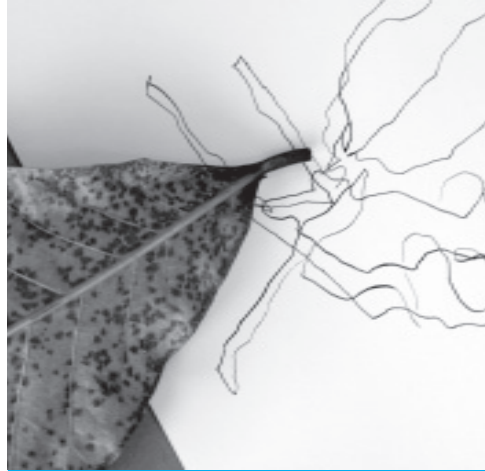
No mesmo sentido genérico do art. 229, o art. 203, atribui os direitos à as-sistência social para ser prestada a quem dela necessitar, independentemente de contribuição à seguridade social, sob o objetivo de assegurar “proteção à família, à maternidade, à infância, à adolescência e à velhice”. Já se referiram outras idades específicas da velhice, recolhidas da Carta Magna. Contudo, não são as únicas. Vale a pena situar outros exemplos.

Lendo o artigo 229 observa-se a reciprocidade entre pais ascendentes e descendentes. Aqueles pelo seu dever de assistir, criar e educar os filhos menores, e os filhos maiores em seu “dever de ajudar e amparar os pais na velhice, carência ou enfermidade”. Nessa norma o substantivo velhice não é objeto de qualquer adjetivação modificativa, mas deixa subentender a inclusão do idoso no con-fronto entre filhos capazes e pais velhos, carentes, enfermos, sem especificação de idade. A exigibilidade desse direito depende, porém, em grande parte, dos valores pessoais envolvidos em cada caso, podendo ver invocados os preceitos constitucionais e estatutários se os filhos os descumprirem, ante a efetiva neces-sidade de amparo de seus pais.

O art. 229 assegura aos pais, nas situações que menciona, o direito de rece-ber de seus filhos as providências, tendentes a ampará-los, mesmo quando não sejam legalmente idosos. A amplitude do amparo é compatível com a exigência de alimentos e de todos os meios necessários à preservação dos valores consti-tucionais que o Estatuto do Idoso regulamentou.

No art. 230 os destinatários da norma são diversos, pois nela se fixaram responsabilidades da família, da sociedade e do Estado, com as conotações inerentes à subsistência e à saúde, mas também ao entretenimento e à participação social.

O preceito do art. 229 deve ser lido com atenção para o § 1º do art. 230, pelo qual os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares, isto é, deles idosos, a contar dos sessenta anos, cinco a menos do exigido no transporte coletivo urbano (§ 2º do mesmo artigo) com gratuidade garantida.



O idoso e seu Estatuto Especial

O Poder Público (União, Estados, Distrito Federal e Municípios) têm papel de parceiro na efetivação dos direitos decorrentes da ancianidade, especificado no Estatuto do Idoso.

A prioridade do velho na satisfação dos direitos fundamentais da pessoa está no artigo 3º da norma estatutária, em oito incisos do parágrafo único. Vão desde a precedência no atendimento ao permanente aprimoramento de suas condições de vida, até a inviolabilidade física, psíquica e moral, a salvo de qualquer tratamento desumano, com a garantia, pelo Poder Público, de atendimento domiciliar da população idosa cadastrada, de fornecimento gratuito de medicamentos, próteses e outros recursos relativos à saúde.

Criar oportunidades de acesso do idoso à educação, aos avanços tecnológicos, à universidade aberta e à profissionalização especializada também é papel da Administração. O Estatuto promete, para defesa dos interesses e direitos protegidos, todas as espécies de ação. Incluem o mandado de segurança contra atos ilegais ou abusivos de autoridade ou agente público, lesivos de direito líquido e certo do idoso, além da apuração da responsabilidade do autor de tais atos.

O Estatuto do Idoso tratou de universo no qual o direito satisfaz apenas parte das relações interpessoais. Os que chegam à idade avançada têm problemas no seu grupo social, no mercado de trabalho, na saúde, no tratamento devido a eles por seus descendentes, e parentes em geral. Isso sem falar na encruzilhada atual em que o idoso flutua instável entre a medicina que prolonga sua existência e a sociedade ou o Poder Público que não lhe preservam a plena dignidade de vida nas últimas etapas desta.

O Estatuto dá apoio aos mais velhos, parcial embora útil. Permitiu ao Judiciário, por exemplo, corrigir ato do ministro da Previdência em 2003, ao discriminar nonagenários, ao determinar a suspensão a pagamento dos seus benefícios.



Levou, em seguida, à extensão do prazo para o pagamento de correção das aposentadorias.

Assim, o art. 3º garante com absoluta prioridade ao idoso os direitos que menciona (direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária).

A absoluta prioridade não está no texto constitucional, o que propõe a dúvida sobre sua aceitação. A criação de precedência sobre direitos alheios conseqüente da prioridade ofende a igualdade jurídica de homens e mulheres. Esta só não subsiste se a exceção estiver na Carta Magna, o que não acontece, como resulta do exame do art. 5º, II. A crítica se volta mais para o adjetivo absoluta que para o substantivo, tendo-se em conta, outrossim, a aumentada extensão de tais direitos no art. 4º, pelo qual “nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão”. Para melhor evidência da inconstitucionalidade basta constatar que no art. 227, tratando da criança e do adolescente, o texto afirmou expressamente a absoluta prioridade dos direitos ali enunciados. Não o tendo feito no art. 230 é inevitável a recusa de aceitação da redação dada ao Estatuto do Idoso.

A amplitude da norma termina por tornar difícil sua aplicação, pois negligência, discriminação, violência, crueldade e, de certo modo, até a opressão não podem ser impostos a quem quer que seja, idoso ou não. De outro modo, sendo a família, a sociedade e o Estado os sujeitos passivos da destinação da regra legal, a dificuldade ainda se impõe pela definição complicada das responsabilidades envolvidas e das respectivas ações geradoras. A exegese gramatical pode contribuir para a individuação das condutas referidas, embora prepondere o aspecto programático do Estatuto, cuja orientação é genérica. Para viabilizar tal objetivo, tomemos cada um dos vocábulos utilizados na lei.

Negligência é uma das formas pelas quais se caracteriza a conduta culposa, por desatenção, omissão ou descuido no procedimento em face das exigências de situação determinada. Na relação com o idoso, consiste no não cumprimento da ação exigível na forma prevista em lei.

Discriminação tem, em face do idoso, natureza dolosa, por seu caráter de tratamento do idoso menos qualificado, tanto material quanto moral, em comparação com a média do destinado a outras pessoas da mesma condição. Ofende o princípio da igualdade, pois o discriminador trata o idoso de modo depreciativo, pelo fato de sua idade.

Violência corresponde a ação do sujeito, composta pelo elemento passivo (a eventual fraqueza do idoso) e o elemento ativo (o uso de força física ou psicológica em excesso sobre o razoavelmente suportável pelo ofendido) ofendendo a vítima física ou moralmente, infligindo danos indevidos.

Crueldade contém forte elemento subjetivo consistente na ação marcada pela intenção deliberada do agente, de provocar sofrimento desnecessário, físico (a agressão direta), psicológico (a criação de emoções insuportáveis) ou moral (a depreciação de valores da honra e da estima próprias, do atingido em face de

seus circunstantes) do idoso.

Opressão designa a conduta pela qual, até com abuso da condição de curador ou de tutor quando seja o caso, o agente usa em excesso os poderes legais ou ilegais de que dispõe, para abater o ânimo do idoso, restringindo seus direitos, sua liberdade de ir e vir ou qualquer das garantias a ele atribuídas, pelo Estatuto, para sua livre fruição.

O destinatário final da norma protetora está bem resolvido nos arts. 8º e seguintes, com os direitos ali enunciados, envolvendo a obrigação específica do Estado, da garantia de proteção à vida e à saúde, mediante políticas que permitam o envelhecimento saudável e em condições de dignidade.

O direito à liberdade (art. 10) compreende o ir, vir e estar, a manifestação de opinião e expressão, inclusive política, crença e culto religioso, a prática de esportes e de diversões e o que a lei chama de “faculdade de buscar refúgio, auxílio e orientação”.

A liberdade de manifestação do pensamento e de crença integra o grupo das cláusulas imutáveis do art. 5º, da Constituição, para toda a cidadania, sem distinção de idade. Colocada no Estatuto reconhece dois elementos contrapostos; o exercício dessas liberdades tende a ser mais difícil para o idoso, dados os problemas próprios da idade, aí incluídos os da própria comunicação oral ou escrita. Ainda uma vez, como ocorre em vários momentos desta análise, constata-se que a matéria alusiva ao velho não se resolve apenas no plano do direito, embora a Constituição lhe tenha dado estatura jurídica permanente. Se, no direito de família, o filho ofende o pai idoso, incide em sanção estatutária, independente de outras aplicáveis.

Embora o § 3º do art. 10 do Estatuto considere dever de todos zelar pela dignidade do idoso, esse dever é, especialmente, dos filhos, à vista da norma constitucional e nos termos da lei civil, no alusivo aos alimentos (art. 11), cuja imposição é solidária entre os prestadores (art. 12), para processamentos nos termos da Lei n. 5.478/68, com suas alterações. Trata-se da solidariedade passiva (Código Civil, arts. 275 a 285). Dispondo o art. 265 do Código, repetindo o velho texto anterior, que a solidariedade não se presume, mas resulta da lei ou da vontade das partes, cabe examinar seus efeitos, em face dos direitos do idoso. Na responsabilidade por alimentos nem sempre se caracteriza a solidariedade entre os prestadores. A condição de credor, para o idoso, se destina a ampliar sua possibilidade de ver satisfeitos os direitos alimentares que lhe correspondam.

A Pluralidade dos Critérios Legais

Percorrendo os vários dispositivos nos quais a lei faz referência à idade, como critério distintivo entre as pessoas, constata-se sua falta de uniformidade, por um lado, e a quase impossibilidade de compatibilizar critérios diversos, para dizer o que é ser idoso.

O Estatuto do Idoso reproduz a referência constitucional à família, à so-

cidade e ao Estado, para impor o dever de “amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”.

A idéia nuclear de amparo seria por si só insuficiente, dada sua natureza protetiva, não fossem as indicações suplementares do artigo. Defender a dignidade define, embora de modo amplo, a essência jurídica do direito do idoso: em plena saúde ou doente, capacitado ou incapacitado, de ser-lhe assegurada vida digna, com todos os contornos próprios dela. Acrescida do bem-estar, como indicativo dos bens materiais, sobretudo, alimentação, moradia e saúde. São os meios conducentes à garantia de vida digna.

O constituinte não teve como fugir da súmula dos objetivos visados, como seja o de afirmar o direito à vida. Este não constitui apenas o de existir, mas o de existir, óbvio, com seus característicos próprios, diversos dos demais que ainda não tenham chegado à idade avançada.

Independente da inclusão da pessoa nesta categoria especial (os idosos) o tratamento constitucional e legal da idade no Brasil é o mais variado possível, tanto para os mais velhos, quanto para os mais jovens. As variáveis podem corresponder ao sexo ou a certas profissões perigosas ou cansativas, quanto à aposentadoria. Inclui alternativas criando padrões diferentes pelo fato biológico da idade, a interferir na solução jurídica que lhe corresponda.

A interferência nem sempre é lógica ou uniforme em face dos limites determinados pelo art. 230, o que impõe cautela ao intérprete, preso à literalidade da lei, mas sob a regra geral do caput desse dispositivo. Alguns desses padrões se referem aos mais velhos, mas não exclusivamente, como se exemplifica com o art. 14. Ao tratar das obrigações do alistamento eleitoral e do voto, inclui nelas os maiores de dezoito anos, mas os tem por facultativos para os analfabetos (seja qual for a idade deles, depois dos dezoito anos) e os maiores de setenta anos.

No Código Penal anota-se a mesma falta de compatibilidade com as condições sociais encontradas do século XXI. A execução da pena privativa de liberdade não superior a quatro anos, pode ser suspensa se o condenado for maior de setenta anos (art. 77, § 2º). Com respeito à mesma idade, verificada na data da sentença, o art. 65, desse Código, admite a diminuição da capacidade perceptiva de conduta criminosa, ao considerar obrigatória a circunstância atenuante na determinação da pena. Trata-se de matéria da ciência penal, mas no caso, o limite de idade não tem pertinência com outras restrições estabelecidos em lei. É parâmetro específico para tal consideração, embora sem razão lógica, para ficar em um único exemplo, em face do direito de servir-se do transporte urbano ou de outros direitos e deveres previstos em lei.

“O que significa ser idoso para lei? Significa um conjunto complexo de alternativas como se colhe de exemplos constitucionais. A aposentadoria por idade (ligada à perda de qualidade laborativa) distingue homens e mulheres, dando o benefício a estas, antes do que àqueles”.



Critério ainda mais variável se acha no Código Penal Militar, pois no crime de deserção, mesmo ocorrente a prescrição, esta só extinguirá a punibilidade quando o condenado chegar aos quarenta e cinco anos e, se oficial, aos sessenta (art. 132). Aqui se compreende a distinção, pois o descumprimento do dever de não se afastar do serviço sem ordem de seus superiores ou licença concedida formalmente é ofensa disciplinar muito grave e mais séria ainda se cometida por oficial. O art. 244 considera forma qualificada de seqüestro, o da vítima, homem ou mulher, maior de sessenta anos.

O direito reconhece o envelhecimento, ora como merecedor de amparo físico ou moral, ora para lhe atribuir certos privilégios ou vantagens. Serve de exemplo o art. 77 da Constituição, relativo à eleição do Presidente e do Vice-Presidente da República, em primeiro e segundo turnos, quando o vencedor não houver recebido, pelo menos, a metade dos votos válidos. Se, remanescer, em segundo lugar, mais de um candidato com a mesma votação, qualificar-se-á o mais idoso, diz o § 5o do artigo. É a vantagem do mais velho.

O que significa ser idoso, para lei? Significa um conjunto complexo de alternativas, como se colhe de exemplos constitucionais. A aposentadoria por idade (ligada à perda de qualidade laborativa) distingue homens e mulheres, dando o benefício a estas, antes do que àqueles. O professor tem direito a alcançar a aposentadoria com menos idade que os demais, pois sua profissão é cansativa, justificada a tradição que o beneficia. A gratuidade no transporte coletivo urbano – mas não interurbano – vale para os maiores de 65 anos (parágrafo 2º do artigo 230). Não antes. Foi benefício imediato, anterior ao Estatuto.

Há inúmeros outros exemplos dessa diversidade, a confirmarem a ausência de um critério uniforme ou, pelo menos, de compatibilidade lógica entre as soluções encontradas para aspectos diferentes do problema. Caso curioso, porém, tradicional em nosso direito, é o da obrigatoriedade do regime da separação de bens, no casamento da pessoa maior de sessenta anos (art. 1.641, II, do Código Civil), uniformizando o direito anterior que distinguia o homem (sessenta anos) e a mulher (cinquenta anos).

Em outros dispositivos o Código apenas usa a expressão mais velho, que tanto pode referir-se ao idoso ou a um jovem. São diversificados os exemplos: art. 1.619 (adotante pelo menos dezesseis anos mais velho que o adotado); art. 1.720, parágrafo único (falecendo ambos os cônjuges, a administração passa ao filho mais velho, se maior); art. 1.731, II (em falta de tutor nomeado pelos pais, incumbe a tutela... aos colaterais até o terceiro grau... preferindo os mais velhos aos mais moços...) e 1.797 (até o compromisso do inventariante a administração da herança, se houver mais de um herdeiro na posse e administração dos bens cabe ao mais velho). Para os maiores de sessenta anos pode o designado tutor escusar-se da tutela (art. 1.736).

Retomando o tema da aposentadoria, merece destaque na Constituição, até pela insistência em sucessivas emendas que a vêm alterando, desde 1988, no campo do direito público e do direito privado. A aposentadoria é forma de extinção da relação de trabalho ou do vínculo funcional com a administração pública,



ao se reconhecer a impossibilidade ou o inconveniente de sua continuação, entre outros motivos, pelo critério da idade. Embora a velhice seja apenas um dos fatores determinantes da aposentadoria, quando presente envolve interesse dos idosos, em faixas variadas de idade.

As Novidades do Código Civil

O conjunto normativo, atinente ao idoso, repercutiu no Código Civil de 2002, embora nem sempre por via direta. Veja-se o caso dos arts. 1.696 e 1.697 ao disporem especificamente sobre os encargos alimentares consequentes da relação entre pais e filhos.

A indicação de pais e filhos, no Código Civil, nem sempre se refere a aqueles, enquanto idosos e a estes, enquanto crianças ou adolescentes.

O direito à prestação alimentar é recíproco entre pais e filhos, independente da idade daqueles, extensivo a todos os ascendentes, recaindo a obrigação nos mais próximos em grau, uns em falta dos outros (art. 1.696). A falta, a que alude o dispositivo não é apenas a de que não haja alguém na linha obrigacional, mas que os que nela se encontrem não disponham de meios suficientes para a satisfação dos alimentos devidos.

Nessa linha cabe referir o art. 1.697, porquanto só depois da falta de ascendentes, próximos ou distantes, se esgota a linha destes, excluindo-se os idosos da obrigação, de vez que a obrigação incidirá sobre descendentes do alimentante. Em matéria de alimentos, porém, o elemento predominante não é o da idade, salvo quanto aos menores, mas o da disponibilidade econômica do devedor e a necessidade do credor. Já se apreciou a matéria, com referência ao Estatuto do Idoso, mas, no Código Civil, a obrigação alimentar estendeu-se a parentes, cônjuges ou companheiros, como legitimados a pedir uns aos outros, os alimentos de que necessitem para atender às necessidades de sua educação.

Há, porém, outras disposições, como já se viu, cabendo apenas anotar que a vigência do Estatuto é posterior à codificação civil. Considerando o disposto no art. 2º da Lei de Introdução ao mesmo Código, entende-se que as regras estatutárias específicas para as questões da velhice, quanto aos alimentos, têm seu amparo constitucional regulado por elas, no que sejam diferentes da norma codificada.

Conclusão

De tudo resulta que embora se tenha a idéia impressionista do como definir o idoso, a lei não enfrenta a tarefa com clareza, pela variedade das soluções, às quais chega a faltar rigorosa compatibilidade lógica, nos critérios adotados. Nesse quadro difícil chega-se a sete conclusões:

1. Pode-se prever que durante o século XXI muito provavelmente a

ancianidade legal será deslocada para idades mais avançadas, à medida que as estatísticas demonstrarem crescimento demográfico acima de sessenta anos. A previsão se baseia, sobretudo nos encargos de custeio, impostos aos Poder Público nos quadros da seguridade social (embora contributiva) e, em particular da assistência social (sem contribuição dos beneficiados), forçando o deslocamento.

2. A maior extensão da vida normal das pessoas será, em si mesma, uma vantagem para os seres da Terceira Idade, se o progresso médico for acompanhado pela sua preservação em padrões de vida digna, individual e comunitária, sozinho ou com sua família, assegurados a profissionalização e o estudo, compatíveis com sua idade avançada.

3. Predomina, no começo do século XXI, a regra de que a partir dos sessenta anos de idade, o ser humano (homem ou mulher) é considerado idoso, para boa parte dos fins previstos em lei. A ele se aplicam os direitos previstos pelo Estatuto do Idoso. Excepcionam-se casos especiais, para outras faixas etárias de previsão constitucional ou legal, conforme se viu.

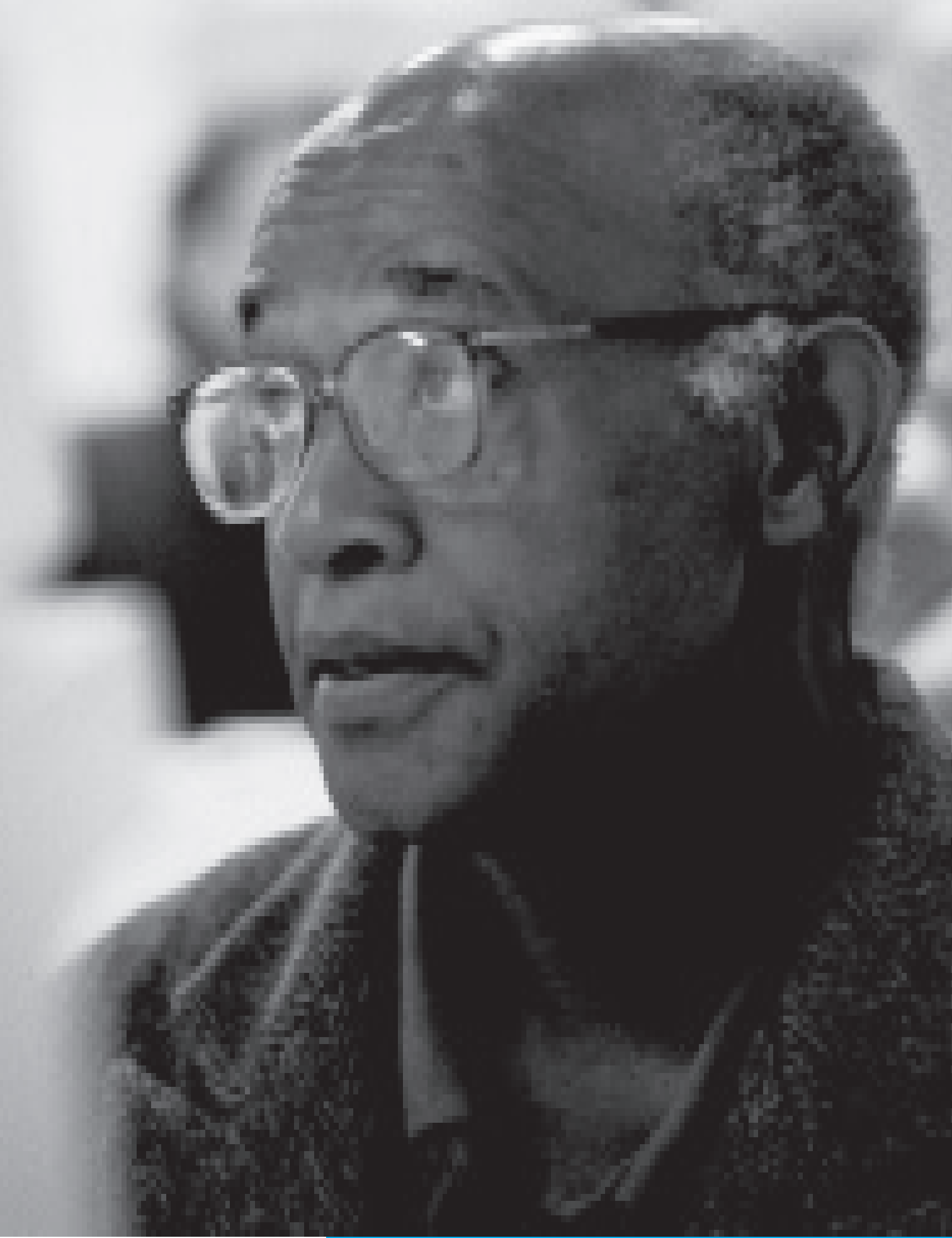
4. Além dos indicativos legais, pertinentes às idades mencionadas, há outros elementos, de referência indireta. Incluem-se nesse rol os relativos ao serviço público, à aposentadoria obrigatória e a certas profissões cujo exercício autoriza variação de idade para que o interessado se aposente, como forma de inabilitação profissional consequente da idade. A aposentadoria nessa perspectiva se inclui no conjunto de normas a serem consideradas para a Terceira Idade.

5. Velho e terceira idade, contudo, são expressões sem a mesma força legal, pois não incluem, em seu significado, limites etários determinados.

6. Terceira idade, embora sem definição legal definitiva inclui, para efeitos pedagógicos, todas as faixas indicadas na Constituição e em leis de nível inferior criando limites ou vantagens para pessoas de idades igual ou superiores a sessenta anos, mesmo que aposentados voluntariamente antes dessa idade.

7. A gratuidade nos meios de transporte coletivo urbano é exceção constitucional específica, inalterável pela lei ordinária.

Os direitos do idoso estão passando por transformação substancial, mas muito recente. Com os novos tratamentos, a sobrevivência se estendeu a grupos cada vez maiores de pessoas, sem lhes resguardar, porém, a dignidade da vida. Pior ainda: sem que a sociedade ou o Poder Público lhe preserve nem mesmo o direito de viver bem, na normalidade das relações com a comunidade e com seu entorno social. Há muito de sonho no Estatuto do Idoso, mas, ainda assim, é lei digna de nota, com a esperança de que sua aplicação prática não seja desmentida pelo futuro.



Referências Bibliográficas

DINIZ, Maria Helena. *Dicionário jurídico*. São Paulo: Saraiva, 1998.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4.ed. Lisboa: Horizonte, 1987.

MEA, Giuseppe. *Dicionário português-italiano*. [S-l]: Porto, S.d.

ORTEGA CAVERO, Daniel. *Diccionario português-espanhol, español-portugués*, Barcelona: Ramon Sopena, 1975.

ROBERT, Paul. Petit Robert. *Dictionnaire alphabétique & analogique de la langue française*. Paris: Société du Nouveau Littré, 1977.

SILVA, Antonio de M. *Novo dicionário compacto da língua portuguesa*. 3. ed. [S-l]: Confluência, 1987.

SPINELLI, Vincenzo; CASASANTA, Mario - *Dizionario completo italiano-portoghese (Brasiliano) e portoghese (Brasiliano)-italiano*. Milão: Ulrico Hoepli, 1976.

SROUGI, Miguel. *A medicina pode vencer a morte?* Folha de S. Paulo, São Paulo, p. 3, 11 fev. 2004.



Retratos da Velhice: memória e fotografia

“Convidamos o leitor a encarar a memória das pessoas idosas como uma arquitetura singular que se edifica em torno do “quadro” de toda imagem e que se nutre, em seguida, de todo um “trabalho de pensamento” que as imagens realizam entre si, na medida em que são formas – portadoras de significações – em perpétuo trabalho de associação com outras formas”.



FABIANA BRUNO

Jornalista e fotógrafa. Mestre em Multimeios pelo Instituto de Artes da UNICAMP. fabybruno@uol.com.br

ETIENNE SAMAIN

Mestre em Antropologia Social. Doutor em Ciências Teológicas e Religiosas. Pesquisador de comunidades indígenas brasileiras. Professor do Programa de Pós-graduação em Multimeios da UNICAMP. samain@unicamp.br

Introdução

Fotografia, memória, velhice... O que poderia haver de vínculo, de liga, de vida, entre esses três conceitos? Neste ensaio, propõe-se apresentar algumas reflexões decorrentes de uma pesquisa¹, que diz respeito às potencialidades das fotografias, quando se trata de pensarmos sobre como a memória de pessoas idosas se constrói e se organiza por meio delas.

Já sabemos da importância das imagens enquanto “despertadoras” de lembranças, de reminiscências. Não faltam experiências, aliás, bem-sucedidas² do uso de imagens – geralmente fotografias – empregadas, efetivamente, para servir a gerar, alimentar, relançar e, finalmente, formar o que chamamos, ora relatos, ora histórias de vida. Colocados diante de uma imagem, de fato, somos, todos, de uma maneira ou de outra, convidados a penetrar na espessura de uma história, a entrar num tempo passado, reavivá-lo e reatualizá-lo por meio de *palavras*.

Sem deixar de reconhecer a devida importância dos relatos orais assim constituídos por meio e a partir de imagens, propõe-se, todavia, nesta reflexão, *privilegiar as imagens*, na medida em que elas são, pensamos, muito mais do que “maquinarias da lembrança”. Com poucas palavras, convidamos o leitor a encarar a memória das pessoas idosas como uma arquitetura singular que se edifica em torno do “quadro” de toda imagem e que se nutre, em seguida, de todo um “trabalho de pensamento” que as imagens realizam entre si, na medida em que são formas – portadoras de significações – em perpétuo trabalho de associação com outras formas.

Antes de levantarmos estes questionamentos devemos, brevemente, situar o universo da pesquisa em pauta e, deste modo, marcar com maior clareza as dimensões exploratórias da presente proposta.

O universo da pesquisa

Retratos da Velhice. Um duplo percurso: metodológico e cognitivo se propunha a uma aproximação do universo das pessoas idosas na tentativa de descobrir com elas, a partir de suas fotografias (visualidade) e de seus depoimentos (verbalidade), a memória que guardam e traçam de sua própria existência. A pesquisa desenvolveu-se com cinco pessoas, homens e mulheres com faixa etária entre 70 e 80 anos, que nem sempre se conheciam, mas que tinham em comum o fato de

¹ Pesquisa intitulada *Retratos da velhice. Um duplo percurso: metodológico e cognitivo*, apresentada como Dissertação de Mestrado defendida, no final do ano de 2003, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Multimeios do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

² Registramos aqui duas dentre outras contribuições: Moreira Leite, Miriam. *Retratos de família: leitura da fotografia histórica*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000 e Simson, Olga Rodrigues Moraes Von. Depoimento oral e fotografia na reconstrução histórico-sociológica: reflexões de pesquisa. In *Boletim do Centro de Memória*. Campinas: UNICAMP, v.3, n. 5, p.14 - 24, jan/jun, 1991. O artigo corresponde a um dos capítulos da tese da autora *Branços e Negros no Carnaval Popular Paulistano (1914-1988)*.

ter a sua disposição um baú ou, pelo menos, uma coleção pessoal de fotografias reunidas ao longo de sua vida.

A cada uma dessas pessoas idosas, após todo um período de reconhecimento mútuo, foi solicitada uma única e mesma tarefa: dedicar-se à revisitação do conjunto dessas fotografias pessoais para escolher 20 imagens – mais ou menos – que melhor pudessem representar a sua própria trajetória de vida. As semanas se passaram. Os contatos pessoais – entre pesquisadora e informantes – se prolongaram, até o dia em que cada um se sentiu pronto para apresentar sua escolha e – o que não imaginávamos plenamente até então – *comentar* espontaneamente³ as suas fotos preferidas.

Desta forma, os idosos ofereceram dados visuais e verbais à pesquisa. Primeiro *escolheram* e – sem ter necessariamente consciência do fato – *montaram* um conjunto visual da ordem de 20 fotografias. Somente depois, com base nos registros imagéticos que tinham diante dos olhos, é que eles se puseram a relatar, a partir das fotografias e com elas, suas memórias, suas experiências de vida, sua visão de mundo e de uma sociedade das quais, se sentiam, sempre, os atores. Os dados tinham se multiplicado e as questões também.

Diante do grande volume de fotografias recolhidas e do não menos complexo conjunto de evocações a que deram espaço, a pesquisa, para se tornar viável, exigia um recorte. Propusemos assim aos cinco informantes idosos uma nova tarefa: selecionar do conjunto de 20 fotografias já apresentadas, apenas 10.

Após repetirem o mesmo procedimento envolvendo o processo de escolha, cada um deles nos ofereceu um outro e simultâneo registro oral de suas impressões, decorrentes de um novo trabalho da memória, isto é, de um novo percurso da memória, *induzido e produzido* pelo rearranjo e pela reformulação das próprias “formas” sígnicas contidas nas fotografias.

À luz deste horizonte operacional rapidamente lembrado, podemos agora apresentar aos leitores duas propostas exploratórias, as quais, pensamos, poderão enriquecer a questão do trabalho da memória das pessoas idosas e da sua singular arquitetura, quando ousa dar credibilidade às imagens. De um material muito mais amplo, retomaremos dados oriundos do duplo conjunto de fotografias escolhido e montado por nossa informante, Dona Celeste. Atribuímos a estas propostas as respectivas designações provisórias: “Percurso da Memória Visual” e “Arranjos e Formas Visuais da Memória”.

“Olhar para a prancha fotográfica circular, novamente como uma enunciação visual é permitir, de outra forma, que deste arranjo nasça uma “singular história” de memória”.

³ Comentários de certo modo muito singulares, na medida em que decorriam e se processavam no vaivém de um olhar posto sobre cada imagem e perpassando, ao mesmo tempo, o conjunto das imagens. Esses comentários foram naturalmente gravados. Deviam, logo, surpreender e levantar algumas das questões que apresentamos a seguir.

Duas propostas exploratórias

1) Percursos da Memória Visual

Do primeiro conjunto de 28 fotografias, selecionado por Dona Celeste, uma imagem se destacava para ela: seu casamento. Entretanto, Dona Celeste não insistia sobre a importância do momento ritual fundador (o *Studium* de Barthes), mas realçava um detalhe (o *Punctum*) do seu vestido de noiva: “Eu pedi para a costureira fazer a parte de baixo em godê pra depois pregar os babados”.

A partir deste fragmento desenrola-se toda uma trama que, partindo de dentro da fotografia, sai do quadro da imagem para investir fora dela, nos campos da memória e do imaginário, antes de reinvestir no território da fotografia e tecer por lá outros comentários... e assim se repetindo. A memória viaja e a imagem é viajante. A memória gosta de caçar na escuridão do tempo.

A postura de Dona Celeste – diante de sua fotografia de casamento – nos conduziu, deste modo, a uma primeira reflexão: a dos complexos e imprevisíveis *percursos da memória visual*⁴ que os idosos (e outras pessoas) desenvolvem frente aos seus velhos retratos.

Partindo do depoimento específico da informante, Dona Celeste, sobre cada uma das fotografias que, não por acaso, foram por ela selecionadas, passamos, desta maneira, a marcar a *seqüência* e o trajeto existente entre o percurso visual e o relato oral da fotografia de seu casamento, por dois sinais diacríticos simples: de um lado o círculo O, quando a narração e os comentários da informante remetiam a elementos que estavam dentro do quadro da fotografia; de outro, os colchetes [], quando a narração emigrava e os comentários se transferiam para fora da moldura fotográfica, para muito longe *desta* fotografia, mas não de *outras representações* que existiam, desta vez, nos entrelaçamentos, nos corredores e nas “masmorras vivas”⁵ da memória humana (*imagem 1*).

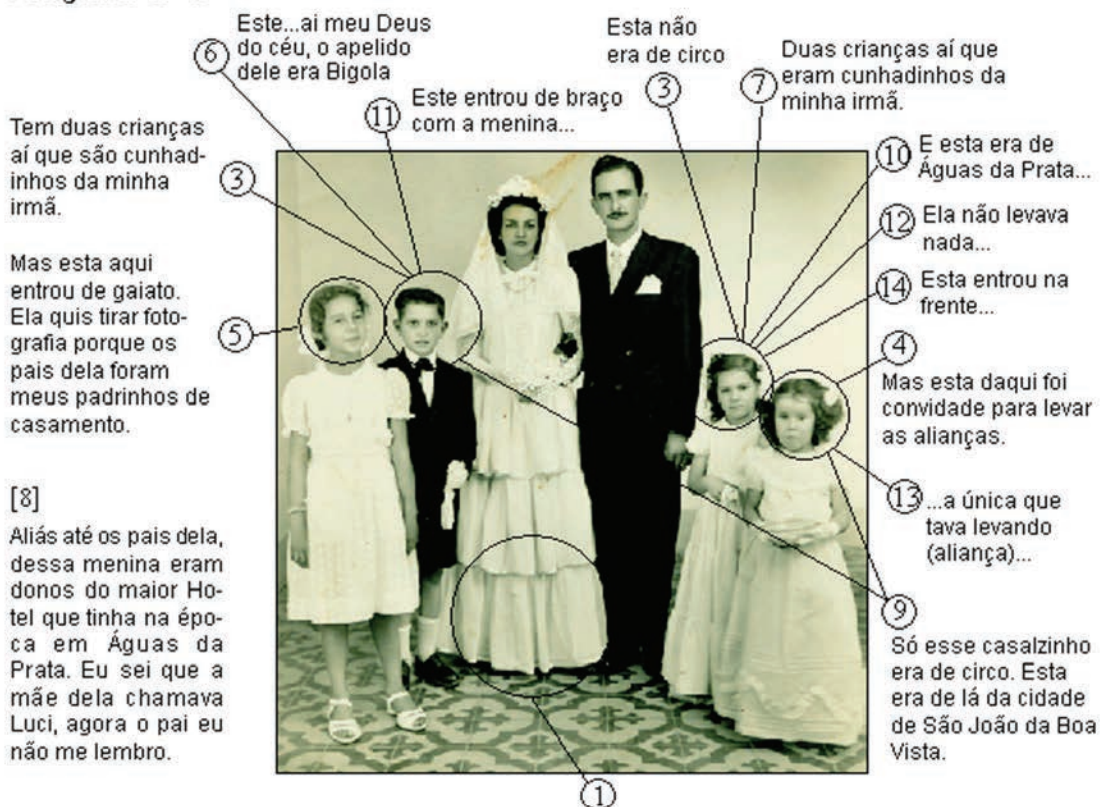
Por se tratar de um trabalho exploratório, convidamos o leitor a se deixar, de agora em diante, levar e guiar pelo próprio *movimento do olhar* que Dona Celeste dirige à fotografia do seu casamento. Movimento que, paralelamente, está acompanhado de todo um *trabalho de sua memória*. Importa, deste modo, não procurar diretamente uma análise sociológica, psicológica e existencial dos dados evocados pela informante, mas se perguntar o quê o presente instrumento metodológico poderia proporcionar e nos oferecer em termos de apreensão e de compreensão da memória de pessoas idosas.

⁴ Denominamos por “Percursos da Memória Visual” o instrumento que construímos e utilizamos em nossa pesquisa para *mapear e registrar* os deslocamentos da memória dos idosos - para dentro ou para fora da fotografia -, em consonância com aquilo que a narrativa verbal dizia de sua própria exploração da imagem e de seus contornos.

⁵ A palavra francesa “oubliette” (“lugar dos esquecimentos”), para designar o espaço no qual se enclausurava no passado as pessoas condenadas à prisão perpétua, expressa bem a natureza da “memória”: ela é uma “oubliette”, quer dizer, o reservatório vivo dos nossos mais imperiosos e necessários “esquecimentos”, isto é, das nossas mais importantes e decisivas “lembranças”.

Informante: Celeste Pires da Costa Ferrari

Fotografia: CF 18



Tá linda essa viu...Aqui tem dois metros de pano. Eu pedi para a costureira fazer a parte de baixo em godê pra depois pregar os babados. Eu queria que ficasse bem-rodado. A bandida não fez feito um saco?! É, ela fez um saco assim e pregou (...) com babado sim, mas eu queria bem godê a parte e ela me fez isso daí. Ah, mas olha, eu senti tanto ... chorei ... Ah, mas o que que eu vou fazer?

[2]

Eu tive que aceitar porque a gente não tinha dinheiro, o circo não dava, principalmente em dezembro, tempo de chuva, quase a gente não trabalhava. O pano mesmo foi o Walter que me deu (...)
Bom, quando nós casamos eu estava doente, pra variar. Tava com úlcera no duodeno, mas ele quis casar né, não quis adiar. Então, eu já estava meio doente. Foi com um pouco de sacrifício até que casamos, porque ele também naquela ocasião era empregado numa farmácia, não era rico, o pai era sapateiro e a mãe dona-de-casa, mas eles não eram ricos. Mas como diz que o amor é cego, eu não sei o que ele viu em mim. Palavra! Olha, eu te juro, eu não sei o que que esse moço viu comigo. Era pobre, não tinha riqueza, não tinha nada, nem dinheiro quase para o casamento não tinha. Estava doente, era quatro anos mais velha que ele e finalmente eu era de circo né? Você acha que uma família do lugar vai concordar, vai consentir que seu filho case com uma moça de circo, principalmente comigo que tinha todos estes defeitos? Mas graças a Deus casamos e fomos muitos felizes até muito! Ele era um homem, muito bom, muito prestativo ... ele não era de muito carinho, muita coisa não, porque a mãe dele era assim, a mãe dele tinha um ciúme louco do filho né... E às vezes quando ele chegava em casa, da farmácia, que ele ia me beijar ela falava, *vocês não tiveram tempo quando solteiros, agora vai ficar com esse melado aí?* Ela falava, que ela era brava... Mas assim mesmo moramos dois anos na casa dela...o que ele ganhava não dava pra..., ele ajudava na casa né? Não dava pra pagar o aluguel da casa... Depois Pedreira numa farmácia, depois quando viemos de lá, eles compraram a farmácia e voltei a morar com ela, porque não tinha lugar. Daí o que era antigo dono da farmácia nos cedeu um quarto (...) e já tinha a minha primeira filha, a Ivani (...). Os três anos que eu morei ali sofri muito, porque ele tacava cada indireta(...)

Imagem 1

2) Arranjos e Formas Visuais da Memória

Propomos a seguir um segundo mo(vi)mento exploratório das imagens de Dona Celeste. Sabemos que ela – como os demais informantes – nos ofereceu dois conjuntos de fotografias. No caso de Dona Celeste, um constituído de 28 fotografias e um outro por 11.

Não é o *número* de fotografias que deve reter nossa atenção no primeiro instante, mas sim a relevante constatação: cada um desses conjuntos é o resultado de uma *escolha* e de uma *montagem*. De um lado, são fotografias selecionadas e escolhidas, incluídas e excluídas, por Dona Celeste ao trabalhar com fragmentos de memória na composição (recomposição) da história de sua vida. São, por outro lado, duas coleções de pequenas peças visuais ordenadas, duas seqüências ou, melhor dizendo, dois pequenos filmes que nos falam de toda uma existência. Eis, assim, outras muitas questões levantadas, as quais mereceriam, senão respostas, uma criativa investigação. Podemos aqui oferecer algumas pistas preliminares⁶ e, em especial, a proposta de como poderíamos ver e ler essas montagens, espécies de panoramas existenciais. Propomos três formas de leitura.

(a) Forma Visual Horizontal e Linear

A primeira forma consiste em ler o conjunto das fotografias como se suas imagens fossem “enunciados” (visuais) da memória de Dona Celeste, “frases” (visuais), ou ainda, como se, de maneira orquestral compusessem um *texto*. A leitura da segunda coleção oferecida por Dona Celeste, desta forma, se daria – pelo menos através de nosso sistema de representação gráfica – da esquerda para a direita e de cima para baixo, um modo ao qual estamos bastante acostumados.

Mas será que isso basta para responder a essa outra questão: a das implicações lógicas e cognitivas que tal traçado opera sobre o trabalho da memória e, conseqüentemente, sobre a natureza das informações/lembranças que ela irá recolhendo? (*imagem 2, à direita*).



6 Dentre outros arranjos visuais, aqui não apresentados pela impossibilidade de espaço, assinalamos as seguintes formas:

- 1) Apresentar lado-a-lado, numa mesma prancha, as duas coleções montadas por Dona Celeste.
- 2) Apresentar também numa mesma prancha, essas duas coleções numa disposição (horizontal, vertical e circular) como exposta no corpo deste artigo.
- 3) Apresentar numa justaposição o primeiro conjunto de fotografias seguido do segundo e de um terceiro, destacado com janelas (quadros) brancas, as imagens excluídas do primeiro conjunto.
- 4) Pensar de maneira *horizontal, vertical e circular* o conjunto das fotografias excluídas na constituição da primeira para a segunda coleção.



CF04



CF08



CF02



CF09



CF13



CF10



CF03



CF18



CF19



CF25



CF27

(b) Forma Visual Vertical e Colunar

A leitura da segunda proposta, também metodológica, divide em etapas sucessivas as enunciações visuais da memória de Dona Celeste. Se antes líamos frases visuais lineares, horizontais, agora temos uma forma vertical que nos apresenta a coleção de fotografias de nossa informante em três colunas. Ao realizar a leitura de cima para baixo e de uma coluna para outra, existe uma quase obrigatória interrupção desta leitura, impondo-nos uma parada antes de prosseguir. Tal formato de leitura, não-habitual na sociedade ocidental, provoca-nos um estranhamento, quase um mal-estar.

Despidos da estranheza da leitura, no entanto, o sistema colunar, surpreendentemente, nos impulsiona a enxergar essas 11 peças visuais (imagens), constituindo-se em três fases, três “colunas”, um tripé que finalmente condensa a vida de Dona Celeste. Diferentemente da situação anterior estamos diante de outras implicações lógicas e cognitivas sobre o trabalho da memória, que ainda nos falta desvendar (*imagem 3, à direita*).

(c) Forma Visual Circular

A terceira proposta de leitura trata de uma forma circular. O círculo apresenta as fotografias de Dona Celeste não somente referenciando a forma ao tempo que passa, o tempo do relógio, mas a um tempo que compõe uma história de vida, ou seja, o ciclo.

Desta maneira, o conjunto circular nos conduz à exploração de conexões, correspondências e aproximações entre as fotografias, que antes apareciam distanciadas ou no mínimo impensadas como é o caso da primeira e da última fotografia do conjunto de Dona Celeste.

Não impondo-nos apenas um sentido de leitura horário, ou anti-horário, a forma circular nos oferece múltiplas leituras em função das infinitas associações entre imagens, peças visuais e traçados: diagonais, lineares, transversais, perpendiculares e também circulares. Seria a forma circular a que melhor representaria a dinâmica da vida do trabalho da memória?

Olhar para a prancha fotográfica circular, novamente como uma enunciação visual é permitir, de outra forma, que deste arranjo nasça uma “singular história” de memória. E, no caso, a quê novas implicações lógicas e cognitivas sobre o trabalho da memória, estaríamos nos referindo? (*imagem 4, página seguinte*)

“A partir deste fragmento desenrola-se toda uma trama que, partindo de dentro da fotografia, sai do quadro da imagem para investir fora dela, nos campos da memória e do imaginário, antes de reinvestir no território da fotografia e tecer por lá outros comentários... e assim se repetindo. A memória viaja e a imagem é viajante. A memória gosta de caçar na escuridão do tempo.”



CF04



CF13



CF19



CF08



CF06



CF25



CF02



CF03



CF27



CF09



CF18



CF27



CF04



CF08



CF25



CF02



CF19



CF09



CF18



CF03



CF06



CF13

Uma breve conclusão

As explorações que apresentamos até aqui em torno das diferentes formas de leitura das pranchas fotográficas, apenas nos sugerem trabalhos que podem ser realizados com as próprias imagens, a partir do entrosamento da fotografia com o relato oral.

Quando nos propusemos a dar prioridade às fotografias, sabíamos que as imagens carregavam um potencial de revelação e uma capacidade de dialogar entre si, ao se colocarem a postos, num plano de se “corresponderem” no sentido comunicacional do termo, isto é, a estabelecer entre elas uma rede de relações sígnicas.

Desta maneira, entendemos que os traçados de formas horizontal, vertical e circular, desenhados em torno do mesmo conjunto de fotografias de Dona Celeste, estruturam, entre as imagens, pensamentos associativos distintos. Palavras, melodias assim como imagens são formas singulares e complementares, simbolizações que dispomos para representar a realidade de nossa condição humana. Perguntamos: será que podemos ir mais adiante e afirmar que escritas, melodias e imagens, por serem veículos de pensamentos e idéias, são acontecimentos organizados, estruturados e dinâmicos?

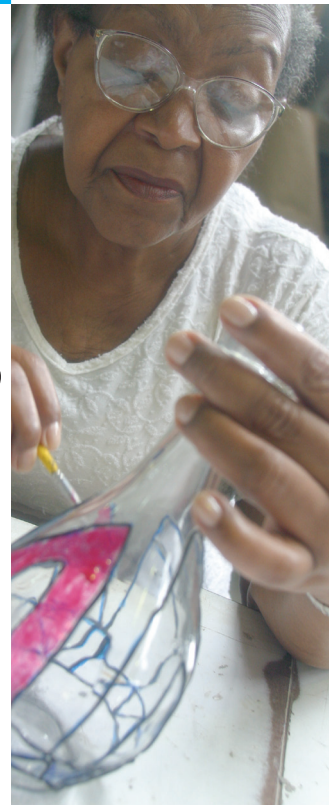
Enfim, ao levantar a questão da “materialidade” da memória, essencialmente na sua condição estrutural, mas não exclusivamente constituída por “imagens”, será que tal investigação pode nos conduzir a novos horizontes? A questão é eminentemente complexa e no quadro deste ensaio ousamos, tão somente, levantar a problemática por entendermos que, indiscutivelmente, imagens são memórias... e, já sabemos que toda memória trabalha.





“Sempre me chamou a atenção a disposição e a alegria dos idosos que se dedicavam a alguma atividade como forma de preencher o tempo livre. Tempo em que não se vêem mais atrelados a horários de atividades ditas produtivas, do ponto de vista econômico-financeiro, ou mesmo a serviços da casa. É fácil perceber que estes idosos têm, deles próprios, uma consideração cada vez mais distante de uma condição de vítima em forma de um corpo envelhecido”.

Longevidade e Tempo Livre: Novas Propostas de Participação Social e Valori- zação do Idoso¹



**DORIS DE
MORAIS
CARDOSO**

*Psicóloga com
aperfeiçoamento
em Gerontologia
pelo Instituto
Sedes Sapientiae.
Mestre em
Gerontologia pela
PUC/SP.*

Até bem pouco tempo, falar de longevidade no Brasil seria especular sobre um tema apenas com base em cálculos projetivos. Não faltam estudos e publicações sobre a transição demográfica pela qual passa o nosso país. Sobre esse tema já se dedicaram e vêm se dedicando sociólogos, estatísticos, demógrafos, profissionais da área da saúde e por último, ou concomitantemente, os estudiosos da gerontologia.

Nos países desenvolvidos, a mudança da característica da população se deu lentamente, possibilitando uma adaptação gradual dos serviços, equipamentos sociais e formação profissional, capazes de atender à demanda dos idosos. No Brasil, o mesmo fenômeno se deu em cerca de cinquenta anos, período tido como relativamente curto, se comparado ao período onde esse fenômeno ocorreu nos países desenvolvidos. Esta questão já foi assinalada em vários fóruns de discussão que têm como tema a gerontologia no Brasil.

¹ Monografia agraciada com o Prêmio Banco Real Talentos da Maturidade 5. ed. – São Paulo, 2003

O aumento da população idosa se deve a mudanças bastante significativas e conhecidas, de cunho social, sanitário e cultural, tais como: a diminuição de mortes por doenças infecto-contagiosas; o advento de tecnologias que facilitam a prevenção de doenças; a utilização dos métodos anticoncepcionais; a opção pela limitação voluntária do número de filhos e a entrada da mulher no mercado de trabalho. Estas resultaram numa vida mais longa e na redução da natalidade. É a esse conjunto de processos que os especialistas denominam transição demográfica.

Para que se tenha uma idéia da velocidade dessa transição é interessante conhecer os dados fornecidos pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/ Fundação IBGE, mostrando que a expectativa de vida do brasileiro entre 1950 e 1980 passou de 43,2 anos para 63,4 anos. Foram acrescidos 20 anos de vida em três décadas. Esse aumento seguirá no mesmo ritmo, segundo projeções feitas. Para o período entre 2000 e 2025, esta expectativa chegará aos 80 anos.

Até pouco tempo, o Brasil era considerado um país de jovens onde o idoso era praticamente invisível. A demógrafa Elza Berquó, no Seminário Internacional “Envelhecimento populacional - uma agenda para o final do século”, realizado em 1996, informa que, em 2020, o nosso país será o quinto no mundo em população idosa. Esta constatação coloca-nos ante o desafio de refletir e encontrar respostas para a relação entre a longevidade e tempo livre.

Este processo já foi desencadeado e algumas destas respostas podem ser encontradas na significativa produção acadêmica, científica e prática sobre a importância do bom aproveitamento do tempo livre para a longevidade. Entenda-se longevidade aqui como a vida vivida com qualidade e saúde e não apenas como vida longa ou o acúmulo de anos.

As considerações que farei nesse trabalho se baseiam, além de bibliografia disponível sobre o tema, na pesquisa qualitativa, feita durante meu curso de pós-graduação em gerontologia. Para a pesquisa, usei a técnica de entrevista aberta com oito idosos freqüentadores do SESC Vila Mariana. O rico material me permitiu estabelecer a perfeita correlação presente no tema proposto para esta monografia – *Novo tempo para os idosos* – sobre o tema: “Longevidade e tempo livre: novas propostas de participação social e de valorização do idoso”.

As entrevistas em profundidade, como prefiro dizer, percorriam um roteiro preestabelecido, mas que em nenhum momento constituiu-se em delimitação estrita do tema. Procurei analisar o material me apropriando do pensamento de Geertz (1978) sobre interpretação, que considera o que será interpretado e analisado, antes de qualquer coisa, como um relato escrito e, portanto, passível de ser lido e consultado um sem número de vezes e até mesmo, caso se possa ter acesso ao que foi *anotado* pelo pesquisador no momento de entrevista, sofrer novas e novas interpretações.

Para recrutar os idosos dirigi-me, com a ajuda da profissional que coordena o trabalho com a terceira idade, às salas onde estavam acontecendo dois dos cursos daquela temporada: “Informática” e “Vivenciando as Cores”. Também me dirigi às quadras de esporte. Havia optado por entrevistar idosos que estivessem

com idade em torno dos 70 anos e que não estivessem participando de atividades da terceira idade há mais de três anos. A justificativa desta opção era evitar os clichês e o discurso de certa forma estereotipado que muitas vezes encontramos entre os *militantes* da chamada terceira idade. Refiro-me a certas expressões superficiais e atitudes pouco realistas sobre o que de fato se passa durante o processo natural de envelhecimento. Concluí ao final do trabalho, que a escolha mostrou-se acertada, diante da riqueza dos depoimentos desses idosos que expressavam com muita clareza os resultados obtidos a partir de sua recente participação em espaços de con-



instituições que lhes oferecem oportunidades de desenvolvimento e realização. vivência e de atividades em

1. O Tempo Livre e Os Novos Velhos

Ao longo dos mais de 15 anos de interesse, estudo e observação das pessoas mais velhas, sem contar que este interesse existe desde a minha infância, sempre me chamou a atenção a disposição e a alegria dos idosos que se dedicavam a alguma atividade como forma de preencher o tempo livre. Tempo em que não se vêm mais atrelados a horários de atividades ditas produtivas, do ponto de vista econômico-financeiro, ou mesmo a serviços da casa. É fácil perceber que estes idosos têm, deles próprios, uma consideração cada vez mais distante de uma condição de vítima em forma de um corpo envelhecido.

Por outro lado, mesmo os que são hígidos e autônomos, mas que passam o tempo apenas vendo o tempo passar, são passíveis de tornarem-se idosos poliqueixosos que não raramente apresentam sintomas de depressão. Uma idosa ativa entrevistada, ela mesma com história anterior de depressão até começar a freqüentar o SESC, fala assim sobre uma irmã:

“(..) Eu tenho a minha irmã que também envelheceu, é uma pessoa que eu estou acompanhando o envelhecimento, mas ela é muito parada, ela não quer nada (...). Mais velha [do que a entrevistada], ela tem 75 anos agora, mas ela é muito parada, ela não quer andar, ela se queixa muito de doença aumenta o que ela sente, (...) Então eu acho isso nela, uma coisa ruim... procura com que as pessoas sintam pena dela porque ela está doente(...).” (Z.F., 70 anos)

Não se pode deixar de considerar que há aqueles que realmente se encontram num estágio de velhice avançada, no qual colecionam perdas em todos os sentidos, inclusive de habilidades e controles físicos e emocionais.



“O envelhecimento para quem sabe fazer do seu tempo livre um aliado transforma-se em uma experiência bastante positiva e rica em aquisições. Uma dessas aquisições é a liberdade. Alguns, ao contrário do que somos levados a pensar, a partir do momento que perdem o cônjuge ou os filhos, saem de casa, tomam as rédeas da sua vida de forma nitidamente prazerosa.”

Mas aqui estamos tratando de seres que são capazes, como diz Debert (1996, p.2), *de atribuir novos significados aos estágios mais avançados da vida, que passam a ser tratados como momentos privilegiados para novas conquistas guiadas pela busca do prazer, da satisfação e da realização pessoal.*

São estes idosos que aproveitam cada fração do seu tempo livre em benefício do seu desenvolvimento como cidadãos, que constituem hoje para vários autores, inclusive para a própria Debert, uma categoria social. Esta categoria, segundo ela, precisou partir da denúncia da perspectiva de miséria que lhe esperava para se aglutinar sob uma identidade, capaz ainda de exercer os direitos da cidadania, apesar da heterogeneidade. Ela cita como exemplo disso as lutas em torno da aposentadoria, que tanto contribuíram não só para a visibilidade desta parcela da população, como para a sua valorização. Eu acrescentaria que essa visibilidade atualmente tem a contribuição de um estilo de vida que privilegia a preservação da saúde e da forma física semelhante ao que se vê nas camadas mais jovens da população e que reúne os idosos em espaços públicos como parques e praças, para a prática de exercícios.

O envelhecimento para quem sabe fazer do seu tempo livre um aliado transforma-se em uma experiência bastante positiva e rica em aquisições. Uma dessas aquisições é a liberdade. Alguns, ao contrário do que somos levados a pensar, a partir do momento que perdem o cônjuge ou os filhos, saem de casa, tomam as rédeas da sua vida de forma nitidamente prazerosa.

“Depois que esse casou, o último, e que ficou só esse solteiro [fala dos filhos] e eu mudei de um bairro para outro é que comecei frequentar aqui, porque eu fiquei livre, eu fiquei sozinha... sozinha é diferente, né?” (L .C., 76 anos, mulher)

“Em casa tenho tudo acomodado, tenho uma vida tranqüila porque hoje sou viúva...” (T.L., 70 anos, mulher)

Também a aposentadoria se reveste desse significado. A pertinência desse comentário está não só nos depoimentos colhidos pela minha pesquisa, como na literatura. Encontrei em Mercadante, a seguinte reflexão:

“Se a velhice, se a época da aposentadoria de forma geral é apresentada como uma época de perdas, Dumazedier, baseando-se em pesquisas próprias e de outros, aponta não para as perdas, mas para novas oportunidades de realização que evidenciam ganhos para os sujeitos. Assim, a saída dos filhos não é pensada como algo traumático para os pais. Ao contrário esta partida provoca amiúde um certo sentimento de libertação.” (MERCADANTE, 1997, p.154)

Como já disse, entre os idosos que pesquisei encontrei depoimentos bastante ilustrativos dessa questão.

“(...) Porque até eu me aposentar eu trabalhei, né? Então eu tinha a maior parte do dia ocupada com o trabalho fora de casa. Depois chegava em casa,

tinha o trabalho de casa. Eu era... era muito fechada, né? Depois que eu me aposentei ficou mais fácil.” (L.C., 69 anos, mulher)

“Aqui [no SESC] a gente faz amizade, pratica esporte, que é uma coisa que gosto e que eu não tive oportunidade. Porque quando é mais moço a gente só trabalha, trabalha, lazer mesmo a gente esquece. Não tem tempo e tudo é mais difícil (...)” (H.P., 66 anos, homem)

A imagem do idoso que respeitava uma certa norma no vestir e no agir também já começa a desbotar. Assistimos atualmente a uma desconstrução da velhice tal como ela é ou era vista, tanto por profissionais da área como pela sociedade e principalmente pelos próprios idosos que têm se aplicado com êxito na demonstração desta mudança, como fica evidente em depoimentos como esses:

“As roupinhas eram sempre aquelas: um decotinho redondo, um vestido tubinho. (...) Já tinha sapatinho de velha, ‘ah prá andar tem que ser esse sapatinho mais confortável, eu gosto daquele que é assim...” (Z.F., 70 anos, mulher)

“(...) Porque minha mãe, por exemplo, lembro da minha mãe. (...) Ela só fazia a comidinha dela, sentava na frente da televisão fazendo seu crochezinho. (...) Ela não caminhava, ela não saía. (...) Às vezes iam até a praça [a mãe e o pai], se tinha uma festinha era na casa de parente (...) Não é como a gente hoje na minha idade que eu frequento... às vezes vou numa danceteria, passeio mesmo viúva. Naquele tempo uma viúva, ela não saía, ela era de preto. Não saía de dentro de casa a não ser pra igreja.” (T.L. ,70 anos, mulher)

“(...) Outro dia ainda me perguntaram: ‘você mora com sua filha?’ ‘Não. A minha filha mora comigo’. (...) Um(a)s acham [irmãs] que eu sou muito avançada [ri], como se dizia naquela época: avançadinha; outras acham que eu deveria me preocupar mais com meus filhos, sendo que eu não tenho motivo pra me preocupar com meus filhos; outras acham que eu devia ficar com minha neta, não mandar ela pra escola o dia todo, sendo que eu acho que ela está muito melhor lá na escola do que na minha companhia.” (idem)

“Melhor hoje! Hoje você tem mais vontade de viver, eu acho. Porque você não se sente aquela velha que já ia morar com um filho, que já era dependente da família, já vivia ali pra criar neto, olhar a casa do filho, entendeu? Elas [as idosas do passado] procuravam isso e os familiares também achavam que era assim.” (Z.F., 70 anos, mulher)

Sendo assim longeva e sadia a forma como se apresenta hoje uma grande parcela dos idosos, temos que voltar a nossa atenção para o incremento de projetos novos e apoio a projetos já existentes, onde eles possam manter esse ritmo de realizações e de contribuição que têm imprimido às suas vidas, sem perder de vista as características desse novo perfil que ora vem se desenhando, que é o de idosos muito mais autônomos e empreendedores. Ou seja, há que se estar atento para não fazer *por* eles o que se deve fazer *com* eles.



2. Novos Espaços de Valorização e Inserção Social do Idoso

“Um conjunto de discursos empenhados em rever estereótipos negativos da velhice abrem espaço para que experiências de envelhecimento bem-sucedidas possam ser vividas coletivamente. No Brasil, nos últimos anos, tem crescido o número de grupos de convivência de idosos. Os programas como os das universidades para a terceira idade, com uma capacidade de mobilização impressionante, têm promovido de maneira muito evidente a redefinição de valores, atitudes e comportamentos dos grupos mobilizados.” (DEBERT, 1996)

A prática do trabalho com idosos faz com que as afirmações que encontramos na literatura, e que obviamente estão baseadas em pesquisa, sejam visualizadas com clareza e abundantes exemplos. Para falar apenas de uma entre as várias atividades a que se dedicam os freqüentadores de grupos de convivência, de espaços onde se praticam esportes e entre alunos de cursos de atualização, está a prática de atividades de cunho filantrópico.

Essa observação sobre a presença do trabalho filantrópico entre os idosos já foi feita por Debert (1996), referindo-se a um estudo feito por Guerreiro em 1993 sobre alunos da UNATI da PUC Campinas. Hoje a prática do voluntariado e da filantropia tem se mantido e até sido incrementada entre os idosos e não apenas entre estes. Apenas como observação, vemos que em outros segmentos etários essa prática também tem aumentado. Vide o número cada vez maior de organizações sem fins lucrativos e mesmo instituições de governo que procuram parcerias com a sociedade para preencher lacunas no que diz respeito à promoção social, de educação e de saúde da população.

“Então venho para cá [SESC] terça, quinta e sexta sou voluntária que é a minha maior atividade hoje. (...). Sou voluntária na Cruz de Malta há 27 anos. (...)

Temos a creche, temos o centro da juventude, ambulatório médico, onde nós temos dentista, oftalmo (...) na parte de oftalmo, que atende às sextas-feiras, eu faço praticamente uma pré consulta (...). Nós atendemos umas quinhentas famílias na área social. (...) Tem o bazar. Eu trabalho também com o bazar da pechincha dentro dessa área. Temos bingo. Amanhã, por exemplo, temos um bingo no Jôquei Clube. (...) eu me ocupo... não digo que me ocupo vinte e quatro horas, mas umas quinze horas por dia... e me sinto bem assim porque não saberia ficar parada.” (T.L., 70 anos, mulher)

Pelo que pude perceber através do meu estudo com idosos do SESC Vila Mariana e também em recente período de um ano de trabalho no Centro de Referência do Idoso de São Miguel Paulista (2002/2003), zona leste de São Paulo, é que esses espaços, independente de onde estejam localizados, são ricos em oportunidades para que os idosos possam derrubar os padrões de envelhecimento que ainda existem e o que é mais importante, para que despertem para as inúmeras possibilidades que têm de se transformarem em cidadãos participativos e valorizados.

Acompanhando o pensamento de Sawaia (1995, p.23), além de propiciarem e facilitarem mudanças, estes locais atendem, sobretudo, a uma necessidade do indivíduo trocar, compartilhar e mais do que isto, se sentir pertencente e consciente dos seus direitos. Como diz a autora nesse seu artigo “O calor do lugar”, nestes espaços sentidos como seu, o indivíduo se sente *gente entre pares*, o que permite concluir que aí se sente mais seguro do seu valor e da importância da sua participação na produção de uma história.

A produção dessa história inclui a construção desse novo velho a que me refiro, o que entre outras características, tem a de deixar para trás a aceitação do paternalismo com o qual era tratado e do qual auferia ganhos secundários, como o de deixar a outrem a responsabilidade por sua vida. Um ganho que poderia se transformar ao longo do tempo em dependência e marginalização, tanto do seio da família como da sociedade.

Todos os meus entrevistados destacam em seus depoimentos a importância da prática da sociabilidade como facilitadora da entrada num mundo



de possibilidades que se abre diante deles, quando a isso se dão o direito. “(...) *aí eu vim e me encontrei perfeitamente. Sinto só não ter vindo antes porque eu me senti outra pessoa. (...)*” (H.P., 66 anos, homem)

“Bom, certa diferença houve [entre antes e depois de começar a frequentar SESC] porque a gente criou mais um ambiente pra nossa atividade (...) e isso nos permite quando chegar aqui no SESC estar com os amigos, trocar idéias (...). Encontramos exatamente isto. (...) e fomos presenteados, digamos assim, com determinadas atividades interessantes e que nos pareciam compatíveis pra nós [fala dele e da esposa]. (...) Atividades artísticas, principalmente informações sobre expressões culturais (...), estamos assistindo palestras relacionadas com saúde, conhecimento das doenças sobre envelhecimento (...).” (A. L., 71 anos, homem)

Observa-se atualmente o crescente aumento do número de programas e projetos abertos a essa camada da população, até porque ela vem se tornando cada vez mais forte no que diz respeito ao consumo de bens e serviços. Exemplo disso é o incremento do turismo para a terceira idade que conta até com agências especializadas neste segmento. Isso é a demonstração de que a visibilidade da qual falava no início deste trabalho e que foi fruto das lutas e movimentos pelo direito à universalização da aposentadoria na década de oitenta, não só se manteve como parece estar aumentando.

Além do incremento e apoio aos programas e projetos já existentes, parece necessário que haja diversificação, uma vez que experimentando o que há de disponível para o exercício de um novo modo de vida e de um novo olhar para si próprio, esse público se torna também mais exigente. Acredito que muitos idosos já percebem a diferença entre projetos que privilegiam a sua promoção como cidadãos e aqueles que continuam a preocupar-se apenas com a sua assistência. Esta última, claro, continua sendo necessária principalmente para os mais fragilizados.

3. A Participação Solidária como Forma de Valorização

“Durante a velhice deveríamos estar ainda engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos. Talvez seja esse um remédio contra os danos do tempo” (BOSI, 1995, p.80)

Da forma como escreveu essas frases, provavelmente em 1973, pois este é o ano da primeira edição do livro *Memória e sociedade – lembrança de velhos*, Ecléa Bosi parecia julgar que estivesse longe ou quem sabe, impossível que isso viesse a ocorrer. Pelo menos foi essa a interpretação que fiz. Hoje é possível que ela própria, acompanhando a evolução ocorrida nesses trinta anos, esteja encantada com as novas possibilidades que se abriram para idosos como os Ariostos, Amadeus, Jovinas,² dos tempos de hoje. Nesses trinta anos foram surgindo ou aumentando consideravelmente vários desses *remédios contra os danos do tempo*, que são os trabalhos em programas de ajuda humanitária; a volta ou a entrada no mundo do conhecimento através de cursos em UNATIs ou em instituições como

² Estes são três dos oito idosos cujos depoimentos estão presentes na obra citada.





o SESC, seja como aluno, seja como transmissor de conhecimento e experiências; a participação em grupos de teatro, dança; a participação em trabalhos voluntários, atividades estas, todas capazes de manter os indivíduos lúcidos e ativos apesar da idade. Como diz Beauvoir (1990, p. 371), *com muita frequência, o peso do corpo conta menos que a atitude adotada para com ele* e segue exemplificando com um depoimento de Claudel que diz:

“Oitenta anos! Foram-se os olhos, os ouvidos, os dentes, as pernas, o fôlego! É impressionante apesar de tudo, como se pode passar sem tudo isso! (...) Entretanto, (...), mais ativo do que nunca, e apaixonado pelo que escreve, aceita sua condição com serenidade”. (idem)

Poderia continuar discorrendo sobre os benefícios que a atividade intelectual ou física traz, não só para idosos, como de resto para qualquer pessoa que queira preservar a sua saúde, como também e, principalmente, sobre os benefícios que ela traz para a auto-estima e valorização dos idosos por eles mesmos, por suas famílias e pela sociedade. Porém já existe considerável volume de material escrito, principalmente com o surgimento dos cursos de pós-graduação na área de gerontologia. As dissertações e teses recentes, não só sobre estes aspectos do envelhecimento como sobre tantos outros, vêm sistematizando e enriquecendo o conhecimento nessa área.

Por essa razão, acredito ser interessante relatar, mesmo que de forma abreviada, uma experiência que tive, antes mesmo de fazer a minha pesquisa para a pós-graduação. Essa experiência se deu na Espanha e não será relatada apenas pelo fato de comprovar o quanto podem ser considerados universais alguns aspectos do envelhecimento saudável, mas porque pode ser algo novo, ou seja, uma contribuição que não seja apenas teórica, mas passível de reaplicação em qualquer cidade de qualquer país.

Ao escolher a Espanha, onde me fixei na cidade de Barcelona, pensei em conhecer o que estava sendo feito em relação à população idosa, em um país que estivesse no hemisfério mais desenvolvido, mas que não fosse tão distante da realidade brasileira. A Espanha como se sabe, é um país que só recentemente e com grande esforço, passou a fazer parte da União Européia e por conseguinte, pensei, estaria mais próximo da nossa realidade.

No período entre 1999 a 2000, além de estudar na Universidade de Barcelona, fiz um estágio na Prefeitura, na Divisão de Serviços Pessoais à qual estão subordinados os diversos equipamentos sociais que prestam serviço à população, mais precisamente no Programa de Promoção Social de Idosos do Distrito³ de Sants y Montjuic.

A preocupação do Programa recai na inserção cada vez maior desta parcela da população nos acontecimentos da comunidade com o estímulo à consciência do espaço que ela pode e deve ocupar e à autoconfiança. De lá trago um exemplo de como se pode utilizar o poder público juntamente com as responsabilidades individuais e coletivas para que novas atividades e programas sejam criados ou

³ Os distritos em Barcelona equivalem às subprefeituras de grandes cidades no Brasil.

potencializados com a colaboração dos próprios idosos.

De tudo que vi e vivenciei, duas coisas me chamaram a atenção: o projeto “Aprendendo com o idoso” e a maneira como o coordenador da Divisão conseguiu oferecer um maior número de cursos e atividades para os idosos contando com verba igual à que era destinada aos outros equipamentos do distrito.

O projeto “Aprendendo com o idoso” está sendo levado desde 1990. Nasceu como “projeto base” e foi o que deu início a outros dois programas. O programa tem como objetivo geral aproximar os idosos das crianças através de atividades lúdico-recreativas nos espaços de vida cotidiana dos dois coletivos. Para isso recorreu a uma escola da região escolhendo estudantes de 6ª série cujas idades estão compreendidas entre 11 e 12 anos. Cada grupo mostra ao outro estes espaços: o das crianças mostra aos idosos a escola e suas atividades e o dos idosos, mostra às crianças o Clube de Idosos e uma instituição geriátrica. Com o passar dos anos, mais quatro escolas entraram no programa.

A aproximação entre esses dois grupos pretende fazer com que as crianças entendam a velhice como uma etapa da vida e não como uma doença e que a aposentadoria não significa necessariamente inatividade e inutilidade. Especificamente pretende-se que elas aprendam valores morais e sociais com os idosos; que identifiquem os idosos como transmissores da cultura popular, história de vida e experiência; que percebam o valor e a utilidade de cada indivíduo na sociedade.

Em relação aos idosos espera-se que esse contato lhes desperte a sensação de se sentirem integrados e não rejeitados, úteis por poderem transmitir conhecimentos e experiências pelas quais passaram, sentindo assim sua auto-estima elevada ao mesmo tempo podendo tornar-se mais maleáveis e menos refratários às mudanças de costumes e avanços tecnológicos pelos quais passa a sociedade.

Percebendo a riqueza que representava a experiência de aproximação dos idosos com as crianças, os professores e a direção de uma das escolas que participava do projeto supramencionado decidiram incluí-la na grade curricular dessa escola nas áreas de “Conhecimento do Meio Social e Cultural” e “Ética e Cidadania” que são ministradas em mais de uma série.

O projeto foi elaborado pela escola com a colaboração da técnica responsável pelo Programa de Promoção de Idosos. Foram convidados os idosos já comprometidos com as atividades do projeto base para participarem desta nova “tarefa”, que os idosos encaram com satisfação e orgulho. A primeira edição se deu no período letivo de 1997/ 1998.

O objetivo geral permaneceu o mesmo do projeto base, ou seja, aproximar os idosos das crianças, só que com o diferencial de uma convivência mais estável, o que propiciaria um conhecimento maior entre os grupos. Apostou-se numa mudança positiva de atitudes e conceitos de ambas as partes e isto foi comprovado através de pesquisa de avaliação que vem sendo feita a cada término de período letivo.

Este programa envolve cinco das seis séries do ensino primário obrigatório, como é chamado na Espanha o ensino fundamental, o que representa cerca de duzentas e oitenta crianças de seis a doze anos da escola. Só não participam as



de cinco anos e menos, ou seja, as que estão matriculadas no pré-primário.

Foi arrolada uma ampla lista de objetivos a serem alcançados pelas crianças. Só como exemplo, a que estaria atendendo à disciplina “Ética e Cidadania” inclui:

- compreender o tempo histórico e algumas características das grandes etapas da história;
- reconhecer e poder explicar acontecimentos, símbolos, monumentos, personagens, instituições do passado e do presente definidores da geografia e da história do país;
- reconhecer, valorizar e cumprir normas sociais relacionadas com o respeito a si mesmo e aos outros;
- respeitar os valores morais, sociais e éticos próprio e de outros, partindo do exercício de direitos e deveres democráticos em seu convívio social.

Trinta e seis idosos se dividem para trabalhar com as crianças, o que permite a formação de pequenos grupos, facilitando a comunicação e a integração.

As aulas são programadas por trimestre em um dia fixo da semana e têm a duração de 1h30min. A cada trimestre encerra-se uma programação e começa-se outra com nova turma.

As atividades mudam de acordo com a faixa etária e têm como função principal a relação entre os idosos e as crianças e não a aprendizagem propriamente dita.

A cada fim de trimestre há uma cerimônia de encerramento com uma mesa de doces, salgados, refrigerantes e vinho, fornecidos pelo colégio. As crianças apresentam algum número artístico, em geral de canto, e os idosos também levam alguma mensagem em forma de conto ou poema.

Esta experiência já foi divulgada na Bélgica e em Israel pelos próprios participantes que, junto com os responsáveis, viajaram a estes países a convite dos governos.

A outra experiência que merece ser mencionada, ou seja, a de oferecer mais atividades com a mesma verba, é resultado da forma como os idosos são aproveitados como multiplicadores. Aquele que conclui um determinado curso e se sente apto e disponível para ministrá-lo a outra turma, substitui um professor que seria pago pela prefeitura aumentando com isso a oferta.

A folha de atividades de fevereiro de 2000 a que tive acesso mostra a oferta de atividades e cursos e o número de freqüentadores de quatro clubes de aposentados do Distrito de Sants y Montjuic, entre eles, a do clube subordinado à divisão na qual estagiei. Esse ofereceu 1.431 vagas por mês em cerca de 19 atividades diferentes contra um número muitas vezes inferior ao oferecido pelos outros clubes. Vale esclarecer que, nesse número de vagas, estão contidas as repetições ao longo da semana, por exemplo: os alunos de yoga são 25 por aula. Sendo quatro vezes por semana totalizam 100.

As atividades e/ou aulas oferecidas são: yoga, ginástica, trabalhos manuais, cultura geral, alfabetização, língua catalã, oficina de estimulação e preservação da memória, crochê, pintura e desenho, coral, sardanas (dança típica da Catalu-



nha), bordado, costura, jogos de mesa e palestras em geral sobre temas relativos à saúde, além de excursões e baile uma vez ao mês.

Os idosos que coordenam atividades no Clube e os que participam dos programas que envolvem as crianças parecem bastante comprometidos com o que fazem. Este compromisso se reflete na pontualidade e assiduidade com que comparecem para desempenhar suas funções.

Além de comprometidos, mostram-se encantados por exercerem um papel nunca antes sonhado, que é o de professor ou simplesmente o de alguém que tem o que transmitir e ensinar, mesmo sendo apenas alfabetizados, como é o caso de muitos deles. Ao darem aulas para as crianças no projeto “Aprendendo com os Idosos”, ou para seus iguais do Clube de Aposentados, se mostram conscientes da importância que o seu trabalho tem para a comunidade e de que esta é uma maneira de retribuírem o que receberam.

Para as crianças, ensinam, entre outras “matérias”, jogos já esquecidos pelas novas gerações, pratos e danças típicos e trabalhos manuais, sempre entendendo que o mais importante nessas aulas é realmente a convivência e a troca entre eles e as crianças. Não é difícil imaginar o quanto essa prática é benéfica para a elevação da auto-estima desses idosos.



Considerações Finais

Como se pode perceber, tanto pelos depoimentos dos freqüentadores do SESC Vila Mariana em São Paulo, como por esse relato sobre o trabalho com idosos em Barcelona, a atividade por si só já é benéfica para uma longevidade sadia.

Se esta é claramente uma verdade, fica claro também que a atividade de colaborar, trocar e doar exerce ainda um adicional que é o de um sentimento de cidadania e orgulho. Por esta razão, achei oportuno apresentar um exemplo de projeto bem-sucedido que, além disso, é passível de ser reaplicado em qualquer cidade de qualquer país, pois os recursos fundamentais, que são as pessoas, no nosso caso, os idosos, estão geralmente disponíveis.

À primeira vista, os idosos que encontramos em determinados espaços, como os que comentamos aqui, apenas se exercitam, festejam e dançam. No entanto, eles têm plena consciência de que essas são práticas que podem postergar o declínio físico e mental, mas também são capazes de serem pessoas solidárias e engajadas em atividades de cunho social.

Para finalizar, encontrei em Buber (1987, p.33) uma reflexão sobre a finalidade daquilo que ele chama de *nova comunidade*, que resume o que estou querendo mostrar sobre a importância que a atividade e o exercício da cidadania têm sobre o espírito humano. Mesmo despida da religiosidade que está presente na obra do autor, essa reflexão se encaixa com perfeição ao final de um texto como esse, que fala de *homens maduros*, de participação e principalmente de valorização pessoal.

“A nova comunidade tem como finalidade a própria comunidade. Isto, porém, é a interação viva de homens íntegros e de boa têmpera na qual dar é tão

abençoado como tomar, uma vez que ambos são um mesmo movimento, visto ora da perspectiva daquele que move, ora daquele que é movido. Que homens maduros, já possuídos por uma serena plenitude, sintam que não podem crescer e viver de outro modo, exceto entrando como membros em tal fluxo de doação e entrega criativa, que eles se reúnam, então, e se deixem cingir as mãos por um e mesmo laço, por causa da liberdade *maior* (grifo do autor), eis o que é comunidade, eis o que desejamos.” (BUBER,1987, p. 34)

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, S. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERQUÓ, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA AGENDA PARA O FIM DO SÉCULO*, 1996, Brasília. *Anais...* Brasília, 1996.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BUBER, M. *Sobre comunidade*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice. Socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 1999.

_____ As representações (estereótipos) do papel do idoso na sociedade atual. In: *SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENVELHECIMENTO POPULACIONAL: UMA AGENDA PARA O FINAL DO SÉCULO*, 1996, Brasília. *Anais...* Brasília, 1996.

FERICGLA, J. M. *Envejecer: una antropología de la ancianidad*. Barcelona: Anthropos, 1992.

GÁRATE, C. *O clube de idosos e o clube de idosos no centro cívico*. 1999. Monografia (Conclusão do Master em Gerontologia) - Universidade de Barcelona, Barcelona, 1999. Mimeografado.

GEERTZ, C. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

MERCADANTE, E. F. *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. 1997. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1997.

SAWAIA, B. B. O calor do lugar: segregação e identidade. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, vol. 91 n. 02, abr/jun. 1995.

SIMMEL, GEORG. *Sociabilidade - um exemplo de sociologia pura e formal*. São Paulo: Ática, 1983.



Lembrar, Contar, Compartilhar: A Memória como Caminho para o Diálogo Interge- racional



“O trabalho com a memória pode ser um instrumento importante capaz de gerar o diálogo entre crianças e idosos e propiciar aprendizagens importantes sobre cada um e sobre a comunidade que integram. A nós, profissionais, cabe o esforço de criar projetos em que o espaço da narrativa seja reinstituído. Nesses espaços de troca é possível compartilhar, preservar e socializar as experiências únicas de cada um e as experiências fundamentais que nascem das relações intergeracionais.”

ZILDA KESSEL

Pedagoga. Mestre em Ciência da Informação e Documentação pela ECA/USP. Especializada em Museologia pela “École du Louvre”, França. Professora do Instituto Normal Superior Singularidades. Formadora do Museu da Pessoa. Net. Consultora de projetos de memória em escolas. zkessel@uol.com.br

Introdução

Este artigo nasceu da troca de idéias iniciada no Seminário de Co-educação de Gerações realizado no Sesc Vila Mariana, em 2003. Nele tive a oportunidade de participar de uma mesa em que foram apresentadas várias experiências de projetos intergeracionais, muitos dos quais implantados pelo SESC. A minha contribuição abordou a memória como elemento articulador de crianças e idosos em projetos educativos, tema tratado na minha dissertação de mestrado (1) e que, imagino, poderá alimentar idéias e projetos na área.

O projeto da pesquisa partiu de um interesse que permeou toda a minha vida profissional: as relações entre memória e a educação. Como a escola pode se constituir como espaço de trabalho e preservação da memória institucional e da comunidade e como o trabalho com a memória individual e coletiva é um fator decisivo para a formação dos indivíduos. Como resultado da pesquisa, pude identificar os conceitos e os elementos fundamentais para a construção de projetos de memória que promovam o diálogo entre idosos e crianças.

O que me pareceu, no princípio, uma possibilidade restrita à escola, vem se mostrando passível de concretização em outras instituições de educação não-formal, como centros culturais, bibliotecas, museus e unidades do SESC. Foi o que pude perceber por meio dos relatos sobre o projeto Intergeracional apresentados na mesa de que fiz parte. Foi ali também que vislumbrei, com grande satisfação, articulações importantes entre a minha pesquisa e as práticas apresentadas que, me parecem, materializam uma política de atuação para o diálogo intergeracional.

Este artigo é, portanto, uma contribuição para os profissionais que atuam ou que pretendem atuar em projetos intergeracionais nas diferentes instituições. Nele procuro mostrar como o trabalho com a memória pode ser um instrumento importante capaz de gerar o diálogo entre crianças e idosos e propiciar aprendizagens importantes sobre cada um e sobre a comunidade que integram.

Ao final do artigo apresento algumas experiências de que participei ou que tive a oportunidade de conhecer. Procurarei responder a algumas perguntas que foram o próprio fio condutor da pesquisa que resultou na minha dissertação: O que é memória? Quais as relações possíveis entre a memória e a educação? Por que contar a nossa história e ouvir a história dos outros são atividades mobilizadoras? O que faz o relato do vivido criar vínculos tão fortes e decisivos entre idosos e crianças? Como organizar esses processos, de maneira a que a experiência possa ser socializada e preservada?

LEMBRAR

Para começar a responder a estas perguntas, é preciso definir sobre que memória estamos falando. Quando falamos sobre projetos de memória, certamente nosso foco não é a memória fatorial, do imediato ou do curto prazo: onde deixei as chaves da porta? qual a senha do banco? qual era escalação do Brasil na equipe

do Filipão? qual o dia da proclamação da República? Estamos falando da memória-experiência, da memória do vivido nos diferentes tempos das nossas vidas: sobre como era São Paulo na minha infância, como era a minha família, que festas celebrávamos, como era a minha escola, as aulas, os professores. Enfim, aquilo que vivi e que carrego comigo, passados muitos anos. Vivências que me ensinaram coisas, como preparar melhor a carne, ou fazer um bolo, ou plantar, ou consertar, ou construir. Lembranças que são a minha própria história.

Porém, na sociedade contemporânea esse tipo de lembrança tem muito pouco espaço de troca. Os momentos de compartilhar a memória, tanto de idosos como de jovens, foi sendo suprimido. Alguns autores consideram que vivemos hoje uma “crise da memória”: Ao mesmo tempo em que temos cada vez mais meios tecnológicos para registrar o que quisermos, inclusive as nossas memórias, temos menos espaços para compartilhar as nossas memórias/experiências com as outras pessoas.

Para Walter Benjamin (2) a narrativa, meio privilegiado de compartilhar as nossas memórias, não tem mais espaço na sociedade contemporânea, pois ela não é mais necessária para aprendermos como participar desta sociedade, como realizar o nosso trabalho, como nos comportarmos. Nas sociedades pré-capitalistas era por meio da narrativa, das histórias compartilhadas pelos grupos, que se aprendiam valores, profissões, enfim se compreendia o mundo em que se vivia e como atuar nele.

Numa sociedade em que a experiência dos mais velhos não tem valor, e é difícil que seja comunicada, cresce o fosso entre as gerações: elas vivem separadas, cada qual reunida em torno de atividades destinadas a idade: a escola, o trabalho, o lazer, o asilo. Esta cisão entre gerações, denominado por Perrotti (3), de confinamento cultural, impede que a experiência vivida por jovens e por idosos possa ser compartilhada e que cada um possa ser alimentado pela experiência do outro. Neste panorama a memória não tem função social e dificilmente pode ser cultivada.

A memória se alimenta da possibilidade de ser compartilhada. Ela se fortalece quando cultivada em grupo. O sociólogo Maurice Halbwachs trouxe uma contribuição importante para a compreensão da importância do grupo na construção da memória. Para ele a memória individual, aquela que nos parece mais pessoal, se tece nos fios das memórias de um coletivo. A nossa memória se constrói no compartilhar das memórias dos indivíduos e grupos com os quais nos relacionamos. Elas se alimentam umas às outras dentro de uma ‘comunidade afetiva’. Lembrar e construir a memória são atos possíveis a partir da experiência no (e do) grupo. Por outro lado, é a possibilidade de participar do grupo, da tal comunidade afetiva, que propicia ao indivíduo o sentimento de pertencer, por compartilhar de um passado comum.



“Ao se criar a oportunidade de conectar sua experiência à experiência dos mais velhos refaz-se, para os jovens, o fio da memória, o que lhes possibilita reconhecer-se como parte de sua comunidade. E para os idosos é possível perceber continuidades a partir de suas experiências.”



Assim, percebemos que as ações de lembrar e de cultivar as nossas memórias demandam a convivência e a possibilidade de compartilhá-las em grupo. Tais ações exigem, ainda, a percepção de que aquilo de que me lembro tem um espaço e é objeto de interesse das outras pessoas.

Nesse sentido é interessante, em projetos de memória, eleger temas sobre os quais crianças e idosos tenham experiências a compartilhar, possibilitando articulações antes desconhecidas: a história do nosso bairro (como era, como é hoje) o lazer e os brinquedos (do que brincávamos, do que brincamos, como se faziam os brinquedos), as festas do bairro (como eram preparadas, celebradas, como isso é feito hoje). Temas deste tipo propiciam às crianças e aos idosos perceber mudanças, articular suas experiências às experiências dos demais, fazer descobertas e, sobretudo, valorizar diferentes experiências, abandonando visões que supervalorizam o passado em detrimento do presente (e vice-versa).

Escolher as próprias experiências da comunidade como tema de trabalho, possibilita aos participantes compreender o universo que os cerca, permanências e mudanças, e o seu papel nesse contexto. A experiência, inscrita no tempo e no espaço da comunidade, se faz conteúdo e desempenha um papel fundamental. O compartilhar dessas experiências propicia aos jovens integrar o narrado à sua própria memória. Ao se criar a oportunidade de conectar sua experiência à experiência dos mais velhos refaz-se, para os jovens, o fio da memória, o que lhes possibilita reconhecer-se como parte de sua comunidade. E para os idosos é possível perceber continuidades a partir de suas experiências.

CONTAR

Vivemos hoje numa sociedade em que a escrita é fundamental. Ela é a base para boa parte da comunicação e da transmissão de informações e teve a sua importância potencializada pelas novas tecnologias de informação.

Se a oralidade não representa mais o veículo privilegiado para a transmissão de informações, ela é fundamental e insubstituível para a transmissão de certos tipos de saberes e para a construção de significados pelos grupos. A oralidade é objeto de estudo de várias áreas, que retomam a importância das narrativas orais como recurso fundamental para a preservação da experiência social e cultural. Ela teve seu papel revalorizado na própria construção da história. O acesso às experiências dos grupos não seria possível senão pela narração.

O psicólogo americano Jerome Bruner (4) iluminou a compreensão de sua importância. Segundo ele, por meio da oralidade aprende-se não só o que dizer, o enunciado, mas os contextos de enunciação: como, onde e para quem dizer, o quê, em quais circunstâncias. É justamente nas narrativas do cotidiano, consideradas como senso comum, que aprendemos acerca da nossa cultura e da nossa memória, que “aprendemos a utilizar a própria linguagem que adquirimos e a conduzir as transações interpessoais necessárias à vida comunal”. O princípio organizador da experiência no mundo social, do conhecimento sobre ele e das

trocas que com ele se mantém é narrativo. Conforme as análises de Bruner, as narrativas têm também um papel fundamental na aquisição da linguagem pelas crianças.

É por meio da narrativa oral que as memórias podem ser compartilhadas pelo grupo. O contar é, portanto, um elemento fundamental para o trabalho com a memória. Qualquer projeto que pretenda reunir idosos e crianças nasce da possibilidade de contar, de ouvir, enfim de compartilhar histórias e vivências.

Na medida em que os espaços de compartilhar narrativas vêm sendo suprimidos na sociedade contemporânea, é preciso criar espaços e situações em que as histórias possam emergir. É aí que a memória se exterioriza e passa a se articular às memórias de todos. Na forma de uma roda de conversa, por exemplo, garante-se o espaço de dizer, de dividir o que se pensa, se sente e se descobre. Ali as memórias trazidas pelas crianças e pelos idosos, antes confinadas, podem ser partilhadas, combinadas a outras memórias presentes em relatos, imagens e textos escritos. A memória externada pode, assim, se articular às memórias de todos. Por isso é tão importante construir projetos com esse objetivo.

COMPARTILHAR

Se o trabalho com a memória e o espaço aberto para compartilhá-la propicia a emergência de tantas histórias e experiências vividas por idosos e crianças, é fundamental que conteúdos tão ricos não sejam perdidos. Que seja possível recuperá-los, seja pelo prazer da reminiscência, seja pela possibilidade de torná-los ponto de partida para novas atividades.

Nesse sentido é fundamental pensar na construção de registros que, de alguma maneira preservem, ainda que em parte, as experiências trazidas para o grupo. O registro permite preservar e rememorar e garante o acesso permanente, em primeiro plano, à comunidade que participou do projeto e, espera-se, às outras pessoas que podem descobrir as vivências ali preservadas.

A construção de produtos a partir dos registros das memórias trabalhadas pelos grupos é o meio mais eficaz para a sua preservação e socialização. Um livro com histórias e desenhos, um site, um caderno de histórias com fotos, um livro de receitas, um vídeo, entre várias outras possibilidades, garantem que o vivido seja preservado e compartilhado. Como produto cultural, o trabalho passa a ter uma existência social. Ao mesmo tempo em que se valorizam os integrantes do grupo, idosos e crianças, que juntos trabalharam para a sua elaboração, a circulação destes produtos garante a inserção e a permanência como objetos culturais, elementos articuladores de memória e de história. É na elaboração dos produtos, que cada narrativa, cada vivência, cada memória ganha uma materialidade e uma existência enquanto história. A história em que a comunidade se reconhece e que, assim, tem força de ganhar os circuitos de socialização para além dos limites da própria comunidade. Esse processo recupera um fio, torna a experiência novamente comunicável e a inscreve num movimento que restitui a humanidade



aos seus integrantes. A cultura oculta emerge de seu silêncio habitual. Todos se percebem como participantes da cultura e da história.

Ao trabalhar com a memória o grupo se constitui como produtor de saberes. Adquirem uma imagem positiva de si mesmos, capazes de se constituir como seres históricos, em estreita vinculação com a cultura de suas comunidades.

O TRABALHO COMO MEMÓRIA NA PRÁTICA



Ao desenvolver minha pesquisa, tive oportunidade de conhecer vários projetos que têm na memória o instrumento de aproximação de idosos, crianças e jovens. Em São Paulo, funciona, desde 1997, a Estação Memória. A Estação trabalha com as experiências de idosos, em grupos que se reúnem semanalmente para lembrar, registrar e compartilhar as suas memórias. As atividades possibilitam transformá-las em conteúdos compartilhados com crianças de várias creches e escolas, com quem mantém um intercâmbio permanente de encontros, troca de correspondências e saraus (5). Pude também conhecer um trabalho em que o resgate da história do Jardim da Saúde mobilizou a Escola Estadual Raul Fonseca, entre 1997 e 1999. Toda a ação de pesquisa e registro de relatos dos antigos moradores se transformou em conteúdo pedagógico para as várias séries da escola (6) que produziram eventos, livros, exposições. O projeto deu voz aos moradores do bairro, possibilitou a criação de vínculos entre os alunos e os moradores e a compreensão dos processos cada vez mais rápidos de mudança na paisagem e nos costumes dos moradores da cidade. Como estes dois projetos, há vários outros pelo país que descobri e com que me encantei. Tive também a oportunidade de aprofundar a minha reflexão a partir de um projeto em que venho atuando desde 2001: o projeto Memória Local.

O projeto Memória Local, parceria do Instituto Museu da Pessoa.Net (7) e do Instituto Avisalá, forma educadores e trabalha junto a escolas da rede pública municipal de várias cidades, na implantação de projetos de resgate da memória das comunidades. Nele professores e alunos descobrem o bairro, sua história e seus costumes, por meio de entrevistas com moradores idosos. Eles são acolhidos na escola, têm os seus relatos gravados e trabalhados como conteúdo pedagógico, num processo que culmina na elaboração de produtos como livros, exposições e também um *site*. Os produtos garantem o acesso permanente aos conteúdos produzidos pelos alunos e pelos educadores envolvidos no projeto.

Além de possibilitar à comunidade descobrir muitas informações acerca da história dos bairros que, boa parte das vezes, não figuram em qualquer outro documento histórico, os relatos trazidos pelos idosos propiciam às crianças criar vínculos importantes entre si, na medida em que elas se dão conta de um passado comum. Criam fortes vínculos com os idosos, que voltam à escola com frequência, procurando pelos seus “amigos”. Os idosos têm grande prazer em serem reconhecidos na rua e lembrados pelas crianças.

A possibilidade de ter acesso à memória dos idosos propicia aos participan-

“Na medida em que os espaços de compartilhar narrativas vêm sendo suprimidos na sociedade contemporânea, é preciso criar espaços e situações em que as histórias possam emergir. É aí que a memória se exterioriza e passa a se articular às memórias de todos. Na forma de uma roda de conversa, por exemplo, garante-se o espaço de dizer, de dividir o que se pensa, se sente e se descobre. Ali as memórias trazidas pelas crianças e pelos idosos, antes confinadas, podem ser partilhadas, combinadas a outras memórias presentes em relatos, imagens e textos escritos. A memória externada pode, assim, se articular às memórias de todos.

Por isso é tão importante construir projetos com esse objetivo”.

tes o incremento à sua auto-estima. Para as crianças, muitas delas de áreas pobres da cidade, pessoas próximas passam a ter uma importância que se materializa na atenção que o projeto lhes confere: são recebidos com festa, seus depoimentos são gravados e transformados em textos pelas crianças que os ilustram e produzem pequenos livros, murais, exposições.

Em Santos, por exemplo, numa escola localizada numa área invadida de um morro, a história que as crianças conheciam em nada valorizava a experiência dos moradores. A partir dos relatos dos idosos as crianças passaram a perceber a si e ao grupo de forma positiva, ao descobrir como a participação de cada um fez do bairro um lugar melhor. Passaram a se perceber como parte de uma história que tinha valor, que merecia ser contada. Os idosos, ao participar do projeto com seus



relatos, suas memórias, se dão conta da importância que têm para a comunidade e especialmente para aquelas crianças, que passam a vê-los de maneira especial.

Projetos de memória também possibilitam aos educadores mudar a sua compreensão sobre o papel dos idosos na sociedade. Num dos projetos de que participei me impressionou a fala de uma professora que comentou “A gente passa anos vendo esses velhos na porta, buscando as crianças, e nem imagina que eles têm tanto a dizer, tanto para contar e ensinar”.

Certamente eles têm muito a dizer. Mais do que isso têm muito a compartilhar e a aprender junto com as crianças. A nós, profissionais, cabe o esforço de criar projetos em que o espaço da narrativa seja reinstituído, pois é a partir dele que se pode tecer os fios da memória, construir vínculos e valorizar os integrantes, idosos e crianças de cada comunidade. Nesses espaços de troca é possível compartilhar, preservar e socializar, por meio dos produtos, as experiências únicas de cada um e as experiências fundamentais que nascem das relações intergeracionais.





Notas e Referências Bibliográficas

1. BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985 (Obras Escolhidas, v.1)
2. BRUNER, J. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997, p. 40.
3. KESSEL, Z. - *A construção da memória na escola: um estudo sobre as relações entre memória, história e informação na contemporaneidade*. 2003. Monografia (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
4. PERROTTI, E. Infância, cultura e leitura. In: *Confinamento cultural, infância e leitura*. São Paulo: Summus, 1990.
5. Este projeto foi tema da dissertação *Estação memória: lembrar como projeto*, de Ivete Faria, ECA/USP, 1999.
6. A experiência está descrita e analisada na publicação de ALVES. L. R. - *A escola: centro de memória e produção de comunicação/cultura*. São Paulo: FAPESP, 1999.
7. Textos sobre este projeto e a produção realizada pelas escolas estão disponíveis no endereço <http://www.museudapessoa.net/escolas/>



A Importância do Toque nas Atividades Físicas para a Terceira Idade

“A carência afetiva e a solidão, peculiares a esta faixa etária, fazem com que o idoso se feche em seu mundo, não se sentindo no direito de ter uma vida plena de prazeres e alegrias. Para mim ficou provado que o toque pode contribuir para que a condição de senilidade e os processos de somatização sejam amenizados, ou até sanados através do trabalho de atividade física, tendo o toque e o contato como conteúdos principais dentro de um programa de atividade corporal.”



LAURA MACHADO DA SILVA

Professora de Educação Física do SESC São Paulo. Especialista em Shiatsu e Dinâmicas Corporais como expressão Terapêutica. lauram@consolacao.



Introdução

O grande avanço nas áreas da tecnologia, educação e saúde, verificadas na metade do século XX para cá, vem contribuindo para um aumento da expectativa de vida da população, fazendo com que os idosos acima de 60 anos, venham a sentir uma necessidade crescente de atividades que contribuam para uma melhor qualidade de vida. Na realidade, estamos vivendo uma fase de carência de realizações por parte das entidades governamentais para essa população.

A cada década, multiplica-se o número de idosos, tornando os homens cada vez mais temerosos de chegar à velhice. Venho observando a dificuldade desta faixa etária de se inter-relacionar através do contato físico, provavelmente, devido a bloqueios provocados por um sistema rígido de educação ou até mesmo por conceitos e preconceitos religiosos.

Creio que esta problemática faz com que sejam difíceis tanto o auto-conhecimento quanto a consciência corporal. Em termos psicológicos penso que a falta de aceitação do toque em si mesmo e do outro, podem acarretar sérios problemas de somatização, levando à predisposição a doenças, tais como pressão alta, problemas cardíacos, reumatismos, artrites, câncer, etc.

Realizei a presente pesquisa ressaltando a importância do toque nas atividades físicas para a Terceira Idade numa visão terapêutica, baseada em minha experiência como professora de ginástica no SESC Campinas durante 14 anos. Através dessa bagagem profissional, recolhi subsídios para supor que a carência afetiva é fator primordial para o aparecimento das chamadas “doenças psicossomáticas”, e que o toque pode funcionar como coadjuvante, senão como ator principal, no tratamento das doenças tão comuns a esta faixa etária.

Desenvolvimento da pesquisa

Tenho adotado em minhas aulas de ginástica, certos conteúdos predominantes: integração, socialização, exercícios preventivos, e principalmente exercícios com toque (dinâmicas de auto-massagem e massagem no outro), o que proporcionou uma maior aproximação entre os alunos, possibilitando assim, um maior contato social e físico.

Desejo demonstrar neste estudo, que através da atividade física (ginástica especificamente), é possível melhorar a qualidade de vida dos idosos e com isto, atingir os seguintes objetivos da pesquisa:

- Fazer com que os idosos perciam o receio de conhecer seu próprio corpo, suas imperfeições, seus limites, problemas, dores e prazeres;
- Adaptá-los a esta nova fase de vida caracterizada pelas perdas peculiares ao processo de envelhecimento;
- Provocar uma melhor interiorização das sensações e sentimentos que o corpo

provoca, principalmente a prática da consciência corporal que o exercício físico favorece;

- Desenvolver atividades físicas através das quais os idosos possam se tocar e aceitar o toque alheio, sem ressentimento ou vergonha e, ao mesmo tempo, sentir o prazer que o contato do outro proporciona, numa visão livre de malícia e de tabus;

- Diminuir a carência afetiva que normalmente esta faixa etária apresenta, elevando o nível de auto-estima e aceitação do processo de senescência;

- Verificar, através da pesquisa de campo junto aos alunos do SESC Campinas, a importância do toque, como parte do conteúdo das aulas de ginástica no seu dia a dia e de que maneira este toque pode vir a se tornar um mecanismo de cura.



A atividade física proporciona ao público da Terceira Idade, um motivo a mais para sair de suas casas, se relacionar com outras pessoas que não apenas a sua família e ter oportunidades que em sua rotina normalmente não existem. Sua vida está voltada geralmente ao cuidado de alguém, como netos, parentes doentes, plantas, animais, etc., mas em último lugar, ou nunca, de si mesmos, fazendo com que se deixem de lado e dêem abertura às doenças psicossomáticas. Tais processos, inconscientes na maioria das vezes, servem para chamar a atenção dos que estão à sua volta.

As Características do Envelhecimento

Os principais fatores que influenciam o envelhecimento do corpo são: o tempo, a hereditariedade e o meio ambiente, sobre os quais temos muito pouco controle. Outros aspectos não menos importantes são a alimentação, o estilo de vida, a atividade física e o aproveitamento do tempo livre.

Os estudos realizados nas décadas de 30 e 40, sobre a psicologia, a biologia e a sociologia do envelhecimento, tiveram um grande impulso a partir da década de 50. Tais estudos foram reunidos sob o título de Gerontologia, disciplina que estuda o processo de envelhecimento, com base nos conhecimentos das várias áreas da ciência.

A Gerontologia se divide em Geriatria que estuda as doenças do envelhecimento e Gerontologia social, voltada para os processos psicossociais manifestados na velhice.

Há na literatura uma série de conceitos cuja compreensão é importante, como:

- Envelhecimento normal: é ditado para cada espécie e para cada raça dentro de uma espécie;

- Envelhecimento patológico: é aquele no qual as doenças interferem direta



“Venho observando a dificuldade desta faixa etária de se inter-relacionar através do contato físico, provavelmente, devido a bloqueios provocados por um sistema rígido de educação ou até mesmo por conceitos e preconceitos religiosos.”

ou indiretamente;

- Senescência: é o envelhecimento normal, natural, independente de raça e espécie;
- Senilidade: é o estado de envelhecimento patológico.

Constatou-se que a maioria dos efeitos do envelhecimento é devida a imobilidade e a desadaptação social. Segundo Smith e Gilligan apud Marquez Filho, aproximadamente 50% do que é comumente chamado de envelhecimento da população do Primeiro Mundo, pode ser atribuído à atrofia por desuso, e que o declínio da capacidade funcional inicia-se aproximadamente entre 30 e 35 anos de idade (0,755 a 1% ao ano em pessoas sedentárias).

Numa visão psicológica, o envelhecimento apresenta em sua totalidade, uma etapa do desenvolvimento individual, cuja característica principal é a acentuada perda da capacidade de adaptação, diminuição da vitalidade e aumento da vulnerabilidade de todas as funções individuais.

Ao estudarmos os velhos nas mais diferentes culturas do mundo, deparamos com um quadro de situação totalmente distinto no que se refere à sua valorização. Na cultura oriental ainda predomina um respeito pelo idoso, por entenderem que suas experiências acumuladas ao longo da vida representam uma contribuição importante e fundamental para a preparação das gerações futuras. O mesmo fenômeno não ocorre nos países ocidentais, onde o estigma da produção aliena o idoso, já ausente do processo produtivo. A decorrência nefasta destas perdas sociais é o conjunto dos desajustes sociais comprometedores para o indivíduo. Como consequência, seu pensamento está sempre voltado ao passado; seu presente é marcado pela estagnação; seu futuro é bloqueado para os desejos, o que acarreta perda da capacidade de planejar a vida.

Através do trabalho de ginástica para a Terceira Idade, tive a oportunidade de acompanhar essas peculiaridades do envelhecimento, com seus declínios e dificuldades de adaptações, de maneira muito mais lenta e, de certa forma, num quadro de conformismo otimista, em que os alunos conseguiram minimizar as consequências acima citadas.

A atividade física, em minha experiência com os alunos, proporcionou a educação de um corpo consciente, de gestualidade cotidiana no trabalho, no lazer, na vida social, com uma compreensão e comunicação mais eficiente de suas emoções, afetividade, erotismo e ludicidade.

Doenças Psicossomáticas



A seguir, baseio-me em informações e citações de Denise Gimenez Ramos:

“Platão, uma das figuras mais importantes para o pensamento ocidental, reconhecia na metade do século IV AC, o papel primário da medicina entre os gregos e freqüentemente fazia alusões aos métodos dos médicos em seus “Diálogos”. Se em Fédon ele afirma que a medicina deve ser um objeto do homem total e que a cura deve se dirigir à alma, nas Cármites, Sócrates deixa essas idéias ainda mais claras ao discutir com Crítias: ‘...assim como não é possível tentar a cura dos olhos sem a cabeça, nem a da cabeça sem a do corpo, do mesmo modo não é possível tratar do corpo sem cuidar da alma, sendo essa a causa de desafiarem muitas doenças ou tratamentos dos médicos helenos, por desconhcerem estes o conjunto que importa ser tratado, pois não pode ir bem a parte quando vai mal o todo. É da alma, declarou, que saem todos os males e todos os bens do corpo e do homem em geral, influenciando ela sobre o corpo como a cabeça sobre os olhos. O grande erro dos nossos dias no tratamento do corpo humano é que o médico separa a alma do corpo.’” (PLATÃO apud RAMOS).

Tomando por base todo o estudo das características do envelhecimento, o idoso tem todos os motivos plausíveis para encarar tantas perdas de maneira pessimista, trazendo consigo a angústia e a depressão, reafirmando as palavras acima do sábio Sócrates.

Segundo Ramos, o termo “psicossomática” foi usado pela primeira vez em 1808 por um psiquiatra alemão, Heinroth, ao tentar explicar a origem da insônia. Outra importante contribuição à área foi feita por H. Selye, com sua descoberta da síndrome geral de adaptação, hoje chamada mais comumente de síndrome do estresse. Selye definiu estresse como “a soma de todos os efeitos específicos dos fatores que podem agir sobre o corpo. O estresse é uma condição, um estado, que embora como tal seja imponderável, se manifesta através de mudanças mensuráveis nos órgãos do corpo. O estresse é usualmente o resultado da luta para a auto preservação (homeostase) das partes dentro do todo”.

Selye afirma que há um elemento de adaptação em toda doença. Segundo ele, há um grupo de doenças que chama de doenças de adaptação, que seriam reações defensivas e adaptativas do corpo, uma mistura de defesa e submissão. Algumas doenças seriam causadas por excesso de defesa, outras por excesso de reações corporais de submissão.

A implicação básica de suas idéias para a psicossomática é a descoberta de quanto e como o corpo se transforma sob estresse. Levando em consideração o que foi dito por Ramos, o estresse se manifesta através de mudança nos órgãos do corpo. Portanto, como o envelhecimento é uma transição que acontece no organismo, conseqüentemente esse estresse se transformará numa doença de adaptação por reações defensivas a esta mudança.

O homem, da maturidade para a senilidade, reprime sua vida instintiva e seus desejos para que haja uma integração no nível social, o que, por sua vez, gera ansiedade e, conseqüentemente, doenças.

A exemplo de F. Alexander da Escola de Chicago, que trabalhou com a hipótese da especificidade da doença, as respostas fisiológicas aos estímulos emocionais, normais e mórbidos variam de acordo com a natureza dos estados emocionais que as desencadeia. Ele considerava que “toda doença é psicossomática, uma vez que fatores emocionais influenciam todos os processos do corpo, através das vias nervosas e humorais”.

Ora, fica claro que o processo de adaptação e estresse que o idoso sofre, leva a reações fisiológicas advindas do seu emocional, ocasionando uma doença psicossomática. Sua reação pode ser claramente resumida:

“Psicossomática”, diz Lipowisk, “é um termo que se refere à inseparabilidade e à interdependência dos aspectos psicológicos e biológicos da humanidade. Essa conotação pode ser chamada de “holística”, na medida em que implica uma visão do ser humano como uma totalidade, um complexo mente-corpo imerso num ambiente social. (LIPOWISK apud RAMOS)

Relação entre as doenças psicossomáticas e características psicológicas e emocionais

No quadro abaixo, Ramos propõe a seguinte classificação para relacionar doenças psicossomáticas e traços psicológicos:

Segundo pesquisa elaborada junto aos alunos do SESC Campinas, para o

QUADRO 1 – Doenças Coronarianas

• Comportamento orientado para a auto-realização com muita determinação;
• Envolvimento excessivo com o trabalho;
• Sentimentos exagerados de urgências de tempo;
• Agressividade;
• Competitividade;
• Impaciência;
• Vigorosa atividade linguística e motora;
• Hostilidade



QUADRO 2 - Artrite reumatóide ou doenças auto-imunes:

- Pessoas quietas, introvertidas, confiáveis, consentidoras, restritas na expressão das emoções, rígidas, conformistas, superativas e auto-sacrificadas;
- Hiperatividade compulsiva e rigidez frente ao trabalho

QUADRO 3 – Câncer:

“Inúmeras sugestões da literatura insinuam que a expressão da raiva, ou, mais precisamente, o grau de expressividade do paciente tem influência sobre o surgimento e a progressão do câncer. Relatos de casos aparecem já nos anos 50, observando-se uma sobrevivência menor em pacientes deprimidos, resignados, quando comparados a pacientes mais capazes de expressar emoções negativas, como a raiva”.

alternativa senão o conformismo e introspecção, as doenças características mais freqüentes são: artrite, artrose, reumatismo, bursite, tendinite e epicondilite.

Parto do princípio de que o idoso vive um constante processo de perdas. Em seu histórico de vida, fatalmente já perdeu um ou mais entes queridos, tendo que sucumbir à dor. Já perdeu a vitalidade e a atividade que marcaram a melhor fase de sua vida produtiva. Na maioria das vezes, ele não tem com quem conversar e desabafar suas frustrações, sua nostalgia, e assim, se resigna e se cala. Em conseqüência, grande parte da população idosa sofre problemas em seu sistema imunológico.

A Pele e o Tocar

A seguir faço um breve apontamento sobre um dos mais importantes e completos livros que já li sobre o tema deste capítulo (Montagu, 1988), que vem colaborar para o objetivo de minha pesquisa, que é comprovar como o toque pode contribuir para o processo de cura das doenças psicossomáticas.

“Não existe senão um único templo no universo, o **Corpo do Homem**. Nada é mais sagrado do que esta elevada fórmula. Curvar-se diante do homem é um ato de reverência feito diante desta Revelação da Carne. Tocamos no céu quando colocamos as mãos num corpo humano”. (NOVALIS apud MONTAGU)

A Pele





“A pele é o mais antigo e sensível de nossos órgãos, nosso primeiro meio de comunicação, nosso mais eficiente protetor. Na evolução dos sentidos, o tato foi, sem dúvida, o primeiro a surgir. Embora possa variar estrutural e funcionalmente com a idade, o tato permanece uma constante, o fundamento sobre o qual se assentam todos os sentidos”.

Por ser considerada o órgão mais extenso de nosso corpo, a pele talvez seja o mais importante órgão dos sentidos do corpo humano, porque é na pele onde ficam gravadas todas as experiências positivas e negativas da pessoa. É como o histórico, o arquivo, onde ficam impressas todas as nossas sensações. E, com o passar dos anos, cada ruga que aparece, declara um momento de nossa vida.

O ser humano pode passar sua vida toda cego, surdo e completamente desprovido dos sentidos do olfato e do paladar, mas não poderá sobreviver de modo algum sem as funções desempenhadas pela pele.

“Nossa abordagem da pele, é bastante diversa da que a medicina psicossomática adotou com tanto esclarecimento, ou seja, a demonstração de que aquilo que acontece na mente pode se expressar na pele de muitas e diferentes maneiras. A abordagem psicossomática constitui uma contribuição inestimável para nossa compreensão da influência da mente sobre o corpo”.

Por acreditar fielmente nesta citação, suponho que a pele não mente quando queremos camuflar sentimentos e emoções. Assim, quando dizem “estou com os nervos à flor da pele”, fica fácil compreender e aceitar a teoria citada acima.

Os Efeitos Fisiológicos do Tocar

“A contundente evidência de que a pele tem uma função imunológica vem sendo cada vez mais confirmada por numerosos pesquisadores independentes. A pele, mais particularmente sua camada mais externa, a epiderme, produz uma substância que é indistinguível que é imunoquimicamente: a timopoiatina, hormônio da glândula timo, que está ativa na diferenciação de linfócitos. Os linfócitos são responsáveis pela imunidade celular”.

A estimulação tátil tem efeitos profundos sobre o organismo, tanto fisiológicos quanto comportamentais, e isto só se tornou conhecido recentemente. Desconhecia-se exatamente como eram produzidos tais efeitos nos níveis fisiológico e bioquímico. Só nos últimos anos é que essa questão começou a ser esclarecida.

Com dados de experiências e pesquisas referentes ao tocar, acredito que existem diferenças bioquímicas significativas entre os seres humanos que se beneficiaram de uma estimulação tátil adequada dos que não se beneficiaram; Essa comprovação provavelmente poderá se aplicada a qualquer período de vida. Posso perceber isso claramente quando comparo o comportamento de um aluno que acaba de chegar para o programa de ginástica e o que já a pratica há algum tempo. A pessoa não amada, de qualquer idade, tem probabilidade de ter atitudes e saúde muito diferentes daquela que foi adequadamente amada.

A Pele e Sexo

“(…) pois o tato,
Pelos divinos poderes dos deuses!
É o sentido do corpo seja quando
Algo que vem de fora entra,
Seja quando uma coisa, que do corpo nasceu,
Machuca-o ou confere-lhe prazer
Capacitando-o a cumprir os generosos desígnios de Vênus.” (NT).

A linguagem do sexo é fundamentalmente não verbal. Nunca conseguiremos expressar o que sentimos quando fazemos amor, de uma maneira clara ou fidedigna, pois nossas palavras ou imagens são muito limitadas para que possamos defini-las com exatidão. A expressividade sexual tem um poder que a maioria das pessoas está apenas começando a explorar. Em seu mais profundo sentido, o tato é a verdadeira linguagem do sexo. Penso que o tato consegue expressar no relacionamento amoroso, sentimentos mais verdadeiros do que as próprias palavras o fariam.

O estudo sobre o toque desde os primórdios da vida nos leva à relação entre a quantidade e qualidade do toque que o indivíduo recebeu desde que nasceu. Esta investigação nos esclarece o porque de certas pessoas não conseguirem se relacionar de maneira sincera e com doação em um relacionamento amoroso.

“As evidências atualmente disponíveis mostram em abundância que as pessoas que tiveram um bom atendimento por parte da mãe são claramente superiores em todos os relacionamentos táteis às que não o tiveram”.

O fato de a mãe segurar o filho no colo e aconchegá-lo, tem um papel muito eficiente e importante no desenvolvimento sexual da criança. A mãe que ama seu filho envolve-o com seus braços, puxa-o para perto de si num abraço apertado e, seja qual for seu sexo, é isto que, quando forem adultos, desejarão e serão capazes de fazer com quem vierem a amar.

A necessidade de um contato corporal pode tornar-se mais intensa durante períodos de estresse. Isso leva a uma conseqüência que a meu ver é muito séria. A transferência da saciedade sexual para a saciedade oral, em que a pessoa se satisfaz ilusoriamente através de comida, bebida, cigarro, etc.

O que posso resumir como conclusão pessoal neste capítulo, é que assim como é de fundamental importância o contato físico desde que nascemos, para que tenhamos uma troca de experiência sexual satisfatória ao longo de nossas vidas, muito mais importante ainda, é que o toque representa o elo de ligação em todas as nossas relações amorosas ou não.

O aluno idoso que recebe carinho e atenção de seu professor, que usa como método de trabalho, dinâmicas corporais individuais e em grupos, tendo como ênfase o toque, terá como resultado, uma melhor relação de amizade, ou até de relacionamento amoroso, levando-o ao namoro, ou até ao casamento.





O Toque e a Idade

“A pele apresenta as mais ostensivas evidências do envelhecimento: enrugada, fica manchada, sofre mudanças de pigmentação, seca, perde a elasticidade, e assim por diante. Com a idade, as várias terminações nervosas táteis submetem-se a mudanças significativas”.

Em razão de não estarmos dispostos a enfrentar os fatos do envelhecimento, comportamo-nos como se não existisse. Essa fuga maciça é a razão principal de nossa incapacidade de compreender as necessidades da Terceira Idade. A mais importante e negligenciada dessas necessidades, é a estimulação tátil. Precisamos apenas observar as respostas de pessoas idosas a um carinho, a um abraço, a um tapinha de leve em sua mão, a um apertão afetuoso, para sentir quanto são necessárias essas experiências para o seu bem estar.

Podemos deduzir que o desenlace de muitas enfermidades vai sendo, e muito, influenciado pela quantidade e qualidade do apoio tátil que a pessoa tiver recebido antes e durante sua enfermidade. É por meio do envolvimento emocional do tato que se consegue atravessar a distância até o asilado ancião e comunicar-lhe amor, confiança, afeto e calor humano.

É especialmente com os idosos que temos resultados positivos e gratificantes em relação ao trabalho terapêutico do toque, que não é tão simples quanto um procedimento mecânico, tampouco simples quanto a administração de uma droga, mas acima de tudo, é um ato de comunicação e amor. O uso do toque e da proximidade física nas aulas de ginástica pode ser a maneira mais importante de entrar em comunicação com um aluno que esteja atravessando uma fase de “não saúde”, transmitindo-lhe a noção de que é importante como ser humano e de que sua recuperação está diretamente relacionada à própria vontade de melhorar, porque os alunos, na maioria das vezes, procuram uma atividade física por recomendação médica.

Trabalho de Campo

O trabalho foi realizado com os alunos de ginástica para a Terceira Idade do SESC Campinas. Após longos anos de trabalho, pude perceber, analisar e posteriormente elaborar aulas de ginástica direcionadas à prevenção, integração, socialização, auto-conhecimento e toque, para o bem estar físico, mental, social e espiritual.

A pesquisa foi realizada através de uma aula de ginástica para alunos com a faixa etária de no mínimo 50 anos e no máximo 83 anos de idade, de ambos os sexos, de classe média baixa, aposentados, que freqüentam as aulas pelo menos duas vezes por semana.

Objetivos

- Despertar a consciência corporal: de forma fragmentada e geral, através do



toque e massagens no próprio corpo;

- Despertar a consciência do movimento: através de movimentos nas diferentes partes do corpo após o toque e auto-massagens no segmento focado;
- Trabalho de integração e socialização: dinâmicas de exercícios em duplas, para desmistificar o tabu e o preconceito em relação ao contato;
- Incentivo ao lúdico: dinâmicas de integração, contato e brincadeiras através da dança e exercícios em círculos;
- Sensibilização corporal: percepção das sensações;
- Auto-conhecimento: após a auto-percepção, o reconhecimento do corpo do outro.

Conteúdo

Parte 1

- Aquecer as mãos friccionando-as, sentindo o calor que delas provém;
- Tocar em si mesmo suavemente como se estivesse se ensaboando;
- Dar tapinhas em todo o corpo com as mãos em forma de concha (tapotagem);
- Tocar o segmento corporal a ser movimentado, percebendo a forma e sensação;
- Caminhar pela sala ao ritmo da música, movimentando somente o segmento corporal anteriormente massageado;
- Caminhar pela sala tocando somente o segmento anterior com um parceiro;
- Continuar passando por todas as partes do corpo, como: cabeça, ombros, braços, quadril, barriga, joelhos e pés.

Parte 2

• Trabalho de integração e ludicidade, tendo como objetivo a desinibição como preparação para o contato, através da “dança do apito”: os pares dançam até que o professor toca um apito, onde os pares trocam de parceiros. Somente voltarão ao par inicial com um abraço, quando parar de tocar a música.

Parte 3

- As duplas se posicionam defrontando-se de mãos dadas com os olhos fechados. Sentir em seu próprio corpo, as partes mais tensas ou doloridas;
- Abrir os olhos e tocar através de uma massagem suave o ponto em seu próprio corpo onde sentiu desconforto ou dor, observando ao mesmo tempo, onde seu parceiro também se tocou;
- Em silêncio, sem perguntar ao parceiro onde sentiu desconforto, massagear este local;
- Inverter as posições;
- Trocar com o parceiro, através de comentários, as sensações recebidas.

Parte 4

- Em um grande círculo, tocar as mãos sobre os ombros do parceiro à frente. Friccionar as mãos e massagear os ombros e as costas através de deslizamentos, “facadas” e tapotagens (técnicas básicas de massagem), terminando com um suave carinho;

- Friccionar suavemente as mãos acima da cabeça e descer com as mãos sutilmente desde a cabeça até os pés do parceiro da frente. Executar três vezes, terminando com as palmas das mãos voltadas para cima ao centro do círculo, num movimento de baixo para cima. Foram colocadas em debate as impressões e sensações sentidas pelos alunos após esta aula.

Questionário de Pesquisa

Abaixo, o questionário de avaliação aplicado junto aos alunos de ginástica para a Terceira Idade, tendo como tema: “A contribuição do toque numa aula para a melhoria de processos de doenças”.

Dados pessoais: nome, idade, sexo, estado civil, profissão, tempo de aposentadoria, com quantas pessoas mora.

1. Está no programa de ginástica há quanto tempo?
2. Apresentava algum problema de saúde antes de iniciar suas atividades no SESC?
3. Em caso afirmativo, quais?
4. Possuía algum problema psicológico antes das atividades físicas, como depressão, angústia, solidão, insônia, nervosismo?
5. Em caso positivo, quais?
6. Apresentava algum problema de relacionamento familiar, conjugal ou social?
7. Em caso positivo, enumere-os.
8. Sentia-se resistente ou encabulado, antes do trabalho de contato em duplas em uma aula de ginástica?
9. E hoje, encara com naturalidade um exercício de ginástica executado em duplas ou em grupos?
10. Este contato é gratificante ou ainda incomoda?
11. Desde que ingressou no programa, percebe alguma melhora nos sintomas de alguma doença, caso a tenha?
12. Psicologicamente, como se sente após esta nova atividade em sua vida?
13. Caso tenha iniciado o trabalho de ginástica gozando de plena saúde, percebe se está mais resistente às doenças, como resfriados, dores articulares, melhora do sono e na disposição em geral?
14. Percebe melhoras no relacionamento pessoal, junto aos colegas de classe, e também no âmbito familiar e social?
15. Se você vive sozinho, teve algum relacionamento amoroso com alguém desde



que iniciou as atividades físicas no SESC?

16. Sua saúde emocional, física, social e espiritual melhorou desde que iniciou as aulas de ginástica no SESC?

Resultados da Pesquisa

- A idade variou entre 50 e 77 anos;
- Todos são aposentados (de 2 a 20 anos);
- O estado civil: 2 solteiras e 8 casadas;
- Apenas um vive sozinho e o restante com 2 ou 3 membros da família;
- Dos 10 entrevistados somente 1 aluno do sexo masculino;
- Todos estão no programa de ginástica de 6 a 20 anos;
- Apenas 2 alunas tiveram problemas sérios de saúde antes de iniciar o programa;
- Dos 10 alunos, 5 admitiram haver tido problemas psicológicos como ansiedade, insônia e depressão;
- Apenas 4 disseram haver tido problemas de relacionamento afetivo e familiar;
- Nenhum deles sentiu timidez ou resistência ao toque;
- Todos responderam ser o toque bastante gratificante;
- Todos obtiveram melhoras significativas nos problemas mais comuns de saúde;
- Todos se sentem mais animados e dispostos, aumentando assim, o círculo de amizades;
- Dentre os 10 alunos, um casal se conheceu, se casou, se separou por 2 anos e recentemente reataram o casamento. Acompanhei esta situação e posso afirmar que as aulas de ginástica propiciaram a reaproximação;
- Todos alegaram que a saúde emocional física, social e espiritual melhorou sobremaneira desde que iniciaram as aulas de ginástica no SESC.

O que posso concluir através destes depoimentos e de minha experiência como educadora e amiga durante estes anos, é que a história de cada um está gravada em meu coração e em minha memória, me dando a certeza de que pude contribuir um pouquinho para o alívio de seus momentos de solidão, ansiedade e tristeza. Sinto-me profundamente gratificada e feliz por ter feito parte de suas vidas.

Conclusão

Após estudar os caminhos do processo de envelhecimento com suas características, suas transformações fisiológicas e emocionais, tendo uma visão holística do homem, ou seja, de sua totalidade dentro de um contexto biopsicossocial, chego à seguinte conclusão: de que o envelhecimento é um processo de adaptação às

mudanças que ocorrem no corpo. Estas mudanças causam um estresse e o idoso tem que se submeter às perdas e limitações adquiridas com o chegar da idade. Este estresse por sua vez, se não for bem elaborado, poderá se transformar em doença psicossomática, que na realidade nada mais é do que uma adaptação através de reações defensivas ao envelhecimento.

A carência afetiva e a solidão, peculiares a esta faixa etária, fazem com que o idoso se feche em seu mundo, não se sentindo no direito de ter uma vida plena de prazeres e alegrias. Para mim, ficou provado que o toque pode contribuir para que a condição de senilidade e os processos de somatização sejam amenizados, ou até sanados através do trabalho de atividade física, tendo o toque e o contato como conteúdos principais dentro de um programa de atividade corporal.

Após estes longos anos de trocas de experiências, de ensinamentos e de informações com essa maravilhosa faixa etária, creio que pude colaborar com eles através de minha dedicação e amor à profissão, tendo o carinho e o toque como fatores preponderantes no meu trabalho. Posso dizer com sinceridade, que me sinto preparada para chegar à terceira idade como uma pessoa normal e integrada à sociedade, com todos os direitos que se possa julgar como necessários para ser realmente feliz.

“Podemos deduzir que o desenlace de muitas enfermidades vai sendo, e muito, influenciado pela quantidade e qualidade do apoio tátil que a pessoa tiver recebido antes e durante sua enfermidade. É por meio do envolvimento emocional do tato que se consegue atravessar a distância até o asilado ancião e comunicar-lhe amor, confiança, afeto e calor humano.”

Referências Bibliográficas

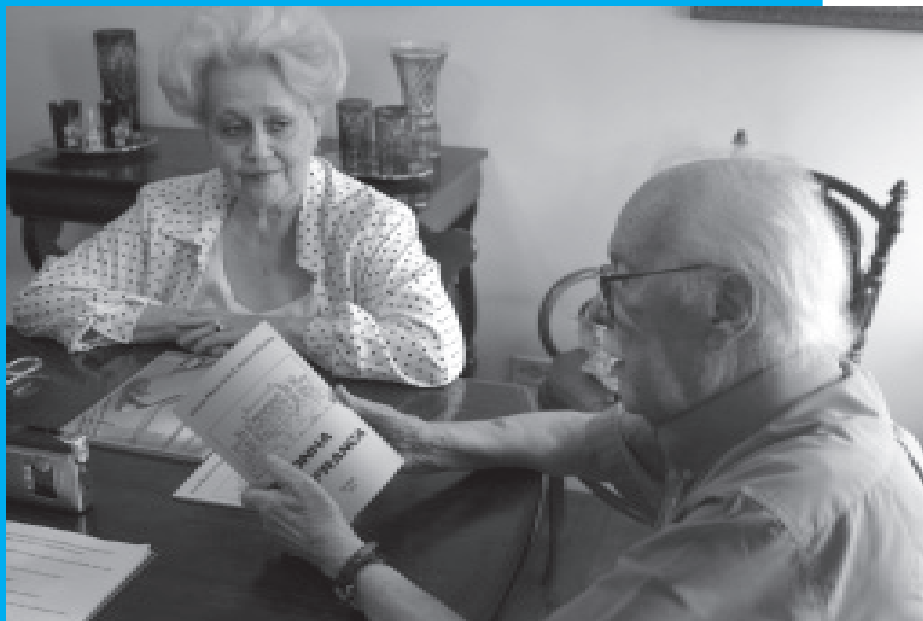
MARQUEZ FILHO, Ernesto. *Atividade física no processo de envelhecimento*. 1998. Tese (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

MONTAGU, Ashley. *Tocar: o significado humano da pele*. São Paulo: Summus, 1988.

RAMOS, Denise Gimenez. *A psique do corpo: uma compreensão simbólica da doença*. São Paulo: Summus, 1994.



Entrevista



Maurício Loureiro Gama

Aos quase 92 anos, Maurício Loureiro Gama é o jornalista responsável pela revista Problemas Brasileiros, editada pelo SESC e SENAC do Estado de São Paulo. Maurício possui uma história que representa boa parte da história do jornalismo brasileiro. Ele recebeu a equipe da Revista A Terceira Idade, em sua casa, acompanhado de sua esposa Dra. Fiammetta Emendabili Loureiro Gama. Num clima de descontração, nos contou diversas passagens de sua vida pessoal e profissional envolvendo inúmeras personalidades da vida pública.



REVISTA – *Conte-nos um pouco da sua infância em Tatuí. Que recordação o senhor tem dessa fase da sua vida?*

MAURÍCIO LOUREIRO GAMA – Ah, muito boa. Tatuí era uma delícia de cidade, era melhor do que hoje, uma cidade tranqüila. Mas, a política era “braba”, essa bipolaridade política, Partido Republicano Paulista - PRP - de um lado e Partido Democrático -PD - de outro, era fogo.

REVISTA – *Fale-nos sobre sua família, seus pais...*

MAURÍCIO – Minha mãe, Anésia Loureiro Gama, ficou viúva com 25 anos. Ela era professora. Meu pai, Teófilo de Andrade Gama, era farmacêutico. Depois de dez anos minha mãe conseguiu receber uma indenização pela morte de meu pai. Foi uma luta jurídica de dez anos. Ela foi uma lutadora, foi a maior figura da família. Meu pai faleceu aos 35 anos, morreu muito moço, num dia de tempestade falava ao telefone em sua farmácia quando recebeu um choque elétrico. Meu avô, Luciano Loureiro de Mello, também foi um grande homem, ele era tropeiro e boiadeiro, engordava os bois que trazia de Barretos, Ourinhos e do Rio Grande do Sul, na fazenda dele em Tatuí. Ele criou a mim, minhas irmãs Sílvia e Eunice e meu irmão caçula, Murilo, todos já falecidos.

REVISTA - *Em homenagem à sua mãe, o senhor escreveu um livro?*

MAURÍCIO – É verdade. Escrevi o livro “Risonha e Franca”. Escrevi esse livro depois de 25 anos de sua morte. O livro fala de suas qualidades pessoais e de seu trabalho como professora. Ela teve uma cadeira na Academia Paulista de Educação.

REVISTA - *Com quantos anos você saiu de Tatuí?*

MAURÍCIO – Com doze anos. Minha mãe me botou no colégio interno, o Liceu Pasteur, atualmente Liceu Franco-Brasileiro. Eu era um menino levado da breca. Freqüentei durante dois anos esse colégio. Depois estudei no Colégio Rio Branco. Depois fiz três anos de Direito na faculdade da USP, no Largo São Francisco. Queria ser professor, mas depois minha mãe me aconselhou: “Não estude para professor, não faça curso de professor, vá fazer outra coisa”. Aí eu senti que gostava de jornalismo. Enveredei seriamente por esse caminho, ia toda noite ao jornal trabalhar de graça e assim aprendi jornalismo. Terminei meu curso de Direito depois de muitos anos e fui orador de minha turma.

REVISTA – *Como foi o início da carreira de jornalista?*

MAURÍCIO – Eu entrei no jornal “Correio de São Paulo” e ali fiz um curso de jornalismo, de aprendizagem jornalística. Aprendi a escrever à máquina, que era importante na época, e comecei a vida de jornalista, uma longa vida. Creio que sou o mais velho jornalista do Brasil. Depois fui para o Correio Paulistano, que foi o maior jornal de minha carreira. Trabalhei na Gazeta, no Diário de

São Paulo. Depois fui trabalhar nos Diários Associados com o Assis Chateaubriand. Fui diretor do Diário da Noite.

REVISTA – *Como era o Assis Chateaubriand?*

MAURÍCIO – Terrível. Era um patrão duríssimo. Gritava muito, explodia com os colegas. Na condição de diretor do Diário da Noite, muitas vezes não concordava com as orientações do Chateaubriand. Então, “me demitia”. Pedi demissão dos Diários Associados 22 vezes! E o Chateaubriand não sabia! Aí ele me procurava: “Como? O Maurício não está aí? Eu preciso dele”. “Não, doutor, ele se demitiu”. “Mas que besteira, que besteira”!

REVISTA – *E a televisão?*

MAURÍCIO – A televisão veio bem mais tarde. Era na rua Sete de Abril, em São Paulo, onde funcionavam os Diários Associados. A TV Tupi foi ao ar em 1950.

REVISTA – *É verdade que você estreou na televisão já no primeiro dia de funcionamento? Como é que foi essa história?*

MAURÍCIO – É verdade. Desde o primeiro dia. Novidadeiro, quis saber como era. Foi no dia 18 de setembro de 1950. Me chamaram e disseram: “Você vai ser comentarista político da televisão”. Era tudo improvisado, tudo de última hora. Aí escrevi o comentário do dia e me apresentei nesse primeiro dia.

REVISTA – *E a estréia na televisão foi bem-sucedida?*

MAURÍCIO – No dia seguinte, fui interpelado na rua por uma senhora: “O senhor trabalhou na televisão ontem e o programa não correu bem. O senhor não fala com a gente, o senhor fica só lendo”. É que no começo eu estava tímido, não olhava para a câmera. Então ela disse: “O senhor precisa conversar com o teles-

“A chamada revolução militar gerou uma porção de jornalistas novos. Jovens idealistas. Mas não houve mudança na estrutura do poder jornalístico.

A estrutura do poder jornalístico continua a mesma. Mas novos valores se formaram depois da Revolução de 64, mais idealistas. O jornalismo cresceu muito, apesar da censura daquela época.”



pectador”. Aí o que aconteceu? Eu já tinha preparado todo o programa do segundo dia, mas joguei fora tudo que tinha feito, porque a mulher tinha falado isso. Fiz tudo de novo. Fiz o programa como se estivesse falando com o telespectador. Aí o Chateaubriand me disse: “Escuta, Maurício, como é que você soube fazer tão bem esse programa?” Eu disse a ele: “Aprendi nos Estados Unidos!”



REVISTA – *Por quanto tempo você ficou na TV Tupi?*

MAURÍCIO – Por uns 20 anos, até a sua falência nos anos 70. Não gosto de lembrar disso. Para mim ela está viva até hoje.

REVISTA – *Você se lembra de algum fato pitoresco na TV Tupi?*

MAURÍCIO – Nos primeiros dias do programa, logo em seguida àquela conversa com a mulher entrou um cidadão no estúdio e disse: “Eu mereço ser recebido com prioridade”. “Por quê?” Perguntei “Porque ganhei um prêmio na loteria”. Era um chofer de praça que havia sido sorteado em uma rifa para ganhar um Cadillac, mas que ainda não o recebera. Não queriam dar o Cadillac para ele. Era um programa ao meio-dia, Edição Extra. Esse programa era um programa em que, além do noticiário nacional e internacional, também recebia reivindicações. Era 1960. Aí eu falei no ar: “Amanhã eu quero aqui o cidadão que fez esse sorteio. Eu quero saber por que ele não entrega o automóvel.” Só sei que o sujeito entregou o carro. E o que fez o cidadão premiado? Foi para Brasília, trabalhar como taxista em seu Cadillac. Até escrevi uma crônica sobre esse fato.

REVISTA – *Como era fazer telejornal naquela época?*

MAURÍCIO - Além de darmos as notícias do dia, nacionais e internacionais, tínhamos que pôr fotografias dos lugares, era complicado porque não tinha satélite. Para fixar o momento histórico, recortávamos as manchetes e fazíamos slides do tipo: “Hoje esteve aqui o sr. Getúlio Vargas”. Era muito trabalhoso.

REVISTA - *Fale sobre alguns jornalistas da época. Você conviveu com o famoso repórter Tico-tico? Como ele era?*

MAURÍCIO – Era de uma curiosidade terrível. Muito curioso. Um xereta. O que para um repórter é bom. Ele era meu amigo pessoal, a mãe dele também era de Tatuí. O nome dele era José Carlos de Moraes. Ele pessoalmente me disse que era parente do Presidente Prudente de Moraes. O Tico-Tico era muito vivo. Basta dizer que em Nova York ele furou todo o esquema da ONU e foi falar direto com o papa Paulo VI. Ele era terrível. Quando queria falar com alguém, ele falava mesmo.

REVISTA – *Vocês faziam parte de um mesmo programa?*

MAURÍCIO – Sim. Fazíamos uma dobradinha. Fazíamos o “Edição Extra”, na TV Tupi, canal 3, que depois mudou para canal 4.



REVISTA – *E quanto a outros jornalistas da época, por exemplo, Carlos Espera, Murilo Antunes Alves...*

MAURÍCIO – O Carlos Espera era um bom sujeito. Curioso, competente, terrível. Ele tinha uma certa ligação política fora... com o Partido Comunista. Aquilo o prejudicava um pouco. O Murilo era um rapaz brilhante, preparado, sempre governista. Sempre do lado do poder.

REVISTA - *Trabalhou com esses jornalistas?*

MAURÍCIO – Sim. Trabalhamos juntos. Fazíamos um programa que ia ao ar toda sexta-feira, o famoso “Pinga Fogo”. Eu era o âncora desse programa, fui, aliás, o primeiro âncora da televisão brasileira. No “Pinga Fogo” recebíamos celebridades nacionais e internacionais, como o Fidel Castro, que ficou quatro horas no ar! Ele deu trabalho, falou “abobrinhas e mais abobrinhas”. Essa entrevista foi interrompida porque eu perguntei a ele algo sobre sua política em Cuba e ele não gostou. Interrompeu o programa. Mas ele era uma figura muito interessante.

REVISTA – *De quais outros jornalistas você se recorda? Como era o Geraldo Bretas?*

MAURÍCIO – O Bretas conheci pouco. Era cronista esportivo. Mas me lembro bem dele. O Kalil Filho tinha uma bela voz... Eu gostava muito do Randal Juliano... O maior deles todos era o Vicente Leporace, por sua extraordinária vivacidade, sua excelente memória. O Leporace tinha um programa famoso: o “Trabuco”. Ele era meu amigo, trabalhamos juntos na TV Bandeirantes.

REVISTA – *Em que emissoras você trabalhou?*

MAURÍCIO – Primeiro na Tupi, depois Bandeirantes e Record. Na Bandeirantes fiz o “Titulares da Notícia”. Era uma roda e eu ficava no centro, era o âncora.

REVISTA - *Qual é a diferença ou as diferenças que você vê entre a TV brasileira dos anos 50 e a TV brasileira da atualidade?*

MAURÍCIO – A chamada revolução militar gerou uma porção de jornalistas novos. Jovens idealistas. Mas não houve mudança na estrutura do poder jornalístico. A estrutura do poder jornalístico continua a mesma. Mas novos valores se formaram depois da Revolução de 64, mais idealistas. O jornalismo cresceu muito, apesar da censura daquela época.

REVISTA - *Como é que foi a sua experiência com 20 anos de ditadura militar e com a censura?*

MAURÍCIO – Fui chamado várias vezes na polícia federal para me explicar. Dei “uma banana” para eles, continuei fazendo o jornal. Minha função não era brigar com a censura, minha função era ignorar a censura. Eu levava a Constituição embaixo do braço.

REVISTA – *A ditadura lhe deu um certo trabalho...*

MAURÍCIO – Eu nunca achei que foi uma revolução o que ocorreu em 64. Para ser uma revolução precisa ser uma revolução séria. Aquilo foi um golpe de Estado, não foi uma revolução. Eu divergia politicamente do Jango, mas o admirava por suas idéias socialistas. Eu fui muito amigo do Ulysses Guimarães, um político brilhante. Uma figura importante para a democracia brasileira. Na verdade, todo o meu esforço no tempo do Ulysses Guimarães foi varar a censura, ignorar a existência da censura. Ia um artigo meu para o jornal, deixava lá, meia hora depois estava pronto. Mas depois eles apertaram a revisão.



REVISTA – *E quanto ao governo atual?*

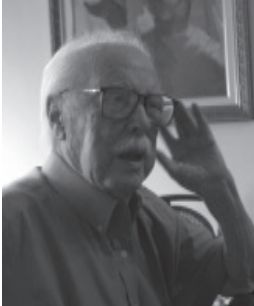
MAURÍCIO - Não aprovo a política atual. Não sou do PT. Sou mais próximo do PSDB. Fui amigo íntimo e fraterno do Mário Covas. Grande amigo.

REVISTA - *Como foi a sua experiência à frente da Associação dos Jornalistas Aposentados de São Paulo?*

MAURÍCIO - Foi uma experiência boa. Recentemente, em 25 de janeiro passado, fui homenageado. Fui sócio fundador da Associação, em 1937. Eu vivi um período muito fértil como jornalista, porque peguei toda a ditadura Vargas. Entrei no jornalismo em 1933 e vivi todo aquele processo antes do golpe de 37. Vivi todo aquele período em que houve a Revolução de 32 por causa dos problemas constitucionais, fechou o Congresso... Os paulistas se revoltaram. Mas não foram apenas os paulistas que se revoltaram, foi todo o Brasil, né? Perdemos a revolução, mas ganhamos a Constituição de 34. Mas depois veio 37, fechou o Congresso de novo. Vivi todos aqueles problemas até 45, quando Getúlio foi deposto. Na redemocratização em 46, eu era da UDN, era pró Eduardo Gomes e não Dutra. Em 50, o Getúlio entrou de novo no governo, porque o brasileiro tem memória curta. Esqueceram que ele havia sido um ditador. Eu, em São Paulo e o Carlos Lacerda no Rio, lascávamos o Getúlio.

REVISTA – *E o Juscelino Kubitschek?*

MAURÍCIO – Um louco maravilhoso. Um sujeito muito especial. Um político inteligentíssimo, que fez com que Brasília, a capital mais moderna do mundo, realizasse a integração nacional.



REVISTA – *E Jânio Quadros, qual era a sua opinião sobre ele?*

MAURÍCIO – Jânio era um idealista incompreendido. De vez em quando eu não concordava com ele. Ele me convidou para ser o jornalista do Palácio da Alvorada, seu assessor de imprensa. Não aceitei porque não gostava de viver em Brasília.

REVISTA – *E quanto aos presidentes militares?*

MAURÍCIO – Castelo Branco era o melhor deles todos. Mas de jeito nenhum quero fazer apologia do Golpe de 64. O único militar de que eu gostei foi o Castelo Branco. Era um grande sujeito, correto, limpo.

REVISTA – *Você trabalhou para o Mário de Andrade?*

MAURÍCIO – Sim. Trabalhei para o Mário de Andrade no Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo. Fui muito amigo do Mário. Isso foi em 38, era assessor dele. Tem um livro dele dedicado a mim e ao Fernando Góes, “Histórias da Candinha”. Quando o Mário saiu do Departamento de Cultura e veio para o Rio de Janeiro, fiquei desolado. Éramos muito amigos.

REVISTA – *Como está a imprensa hoje?*

MAURÍCIO – Hoje a imprensa é mais profissional. Mas está em sérias dificuldades, não há emprego.

REVISTA – *Como você sabe, a nossa revista fala sobre a Terceira Idade, fala das questões da velhice e do envelhecimento...*

MAURÍCIO – O chato é a quarta idade. A quarta idade é a morte. E vou dizer uma coisa para você. Se há alguém ligado na vida, sou eu.

REVISTA – *Como estão os idosos do Brasil, como é envelhecer no Brasil? O que o senhor acha das políticas que tem para a terceira idade?*

MAURÍCIO – o Brasil trata muito mal os seus idosos. Ainda há muita coisa para fazer. A saúde do idoso brasileiro vai mal, a Previdência também... As aposentadorias são péssimas... Os aposentados são cidadãos de terceira classe no Brasil.

REVISTA – *Como é sua vida aos quase 92 anos de idade? Quais são seus hábitos?*

MAURÍCIO – Tomo vinho no almoço e no jantar porque faz muito bem para a circulação. Gosto de comer bem, mas sem exagero. Como muita verdura, muita fruta, de vez em quando uns macarrõezinhos bem elaborados. Pouquíssima

gordura, pouca carne vermelha, como mais frango e peixe. O segredo é uma alimentação leve.

REVISTA - *Você faz atividades físicas?*

MAURÍCIO – Eu não gosto muito de andar, de caminhar porque receio cair e não quero ter problemas de fraturas. Sempre andei muito quando era mais jovem. Em vez de pegar o carro, pegava ônibus para ir até a Federação do Comércio. Mas atualmente me poupo muito.

REVISTA - *Qual é a sua opinião sobre a juventude de hoje, o que o senhor acha dos jovens de hoje? Que recado você daria a eles?*

MAURÍCIO – A juventude é sempre corajosa. Meu recado é tenham um projeto de vida e tenham esperança. Acreditem no futuro.





Conselho Regional do SESC de São Paulo
2002-2004

Presidente
Abram Szajman

Efetivos
Carlos Eduardo Gabas
Cícero Bueno Brandão Júnior
Eduardo Vampré do Nascimento
Eládio Arroyo Martins
Fernando Soranz
Heiguiberto Guiba Della Bella Navarro
Ivo Dall'acqua Júnior
José Maria de Faria
José Santino de Lira Filho
Luciano Figliolia
Manuel Henrique Farias Ramos
Orlando Rodrigues
Paulo Fernandes Lucânia
Valdir Aparecido dos Santos
Wallace Garroux Sampaio

Suplentes
Amadeu Castanheira
Arnaldo José Pieralini
Henrique Paulo Marquesin
Jair Toledo
João Herrera Martins
Jorge Sarhan Salomão
José Maria Saes Rosa
Mariza Medeiros Scaranci
Mauro José Correia
Mauro Zukerman
Rafik Hussein Saab
Vagner Jorge

Representantes do Conselho
Regional Junto ao Conselho Nacional

Efetivos
Abram Szajman
Euclides Carli
Raul Cocito

Suplentes
Aldo Minchillo
Manoel José Vieira de Moraes

Diretor do Departamento Regional
Danilo Santos de Miranda

SESC SP

O SESC – Serviço Social do Comércio é uma instituição de caráter privado, de âmbito nacional, criada em 1946 por iniciativa do empresariado do comércio e serviços, que a mantém e administra. Sua finalidade é a promoção do bem-estar social, a melhoria da qualidade de vida e o desenvolvimento cultural do trabalhador no comércio e serviços e de seus dependentes – seu público prioritário – bem como da comunidade em geral.

O SESC de São Paulo coloca à disposição de seu público atividades e serviços em diversas áreas: cultura, lazer, esportes e práticas físicas, turismo social e férias, desenvolvimento infantil, educação ambiental, terceira idade, alimentação, saúde e odontologia. Os programas que realiza em cada um desses setores têm características eminentemente educativas.

Para desenvolvê-los, o SESC SP conta com uma rede de 30 unidades, disseminadas pela Capital e Interior do Estado. São centros culturais e desportivos, centros campestres, centro de férias e centros especializados em

SESC SP
www.sescsp.org.br
0 8 0 0 - 1 1 8 2 2 0

ISSN 1676-0336

